

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM DOCÊNCIA NA
EDUCAÇÃO BÁSICA

Maria Aparecida de Castro da Mata

**A LEI 10.639/03 NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
O RESPEITO ÀS DIFERENÇAS ÉTNICO-RACIAIS**

Belo Horizonte
2010

Maria Aparecida de Castro da Mata

**A LEI 10.639/03 NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
O RESPEITO ÀS DIFERENÇAS ÉTNICO-RACIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em História da África e Culturas Afro-Brasileiras, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): José Raimundo
Lisboa da Costa

Belo Horizonte

2010

Maria Aparecida de Castro da Mata

**A LEI 10.639/03 NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
O RESPEITO ÀS DIFERENÇAS ÉTNICO-RACIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em História da África e Culturas Afro-brasileiras, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): José Raimundo
Lisbôa da Costa

Aprovado em 11 de dezembro de 2010.

BANCA EXAMINADORA

Professor José Raimundo Lisboa da Costa – Faculdade de Educação da UFMG

Professora – Elânia de Oliveira – Escola de Educação Básica e Profissional da UFMG/Centro Pedagógico.

Dedico este projeto a todos que se sentem discriminados e aos que com este trabalho puderam sentir alívio e orgulho de seu pertencimento étnico-racial.

Agradecimentos

A DEUS que me deu forças e me encaminhou ao curso que faltava em minha vida para me dar novas perspectivas na área educacional. Agradeço também pelos momentos difíceis que caí, mas levantei protegida por suas mãos Senhor.

A Ester que durante este um ano e meio dedicou a leitura dos textos que produzia, para os lapidar por acreditar no meu trabalho, competência e importar-se com meus limites, percebendo com sabedoria que não os transformo em barreiras e sim em amizades. Acreditando no que sou capaz se envolveu, me dando segurança para vencer mais este momento mágico e intenso de minha vida. Nos momentos que mais precisei lá estava ela parecia mesmo que me ouvia pensar e com elogios, sugestões, ternura me orientava com seu jeitinho tranqüilo de falar que era pura iluminação.

Ao meu querido e companheiro marido, que nas horas mais complicadas estava ao meu lado. Obrigada!

A minha filha, a quem mais amo na vida, que me ensina tanto com enorme sabedoria e percebe já na adolescência a importância dessa temática ser tratada com ênfase na escola particular.

As amigas Edilene e Idéosa pelos momentos de incentivo quando uma de nós precisava, pelo suporte que cada uma com suas habilidades desenvolveu da melhor forma possível, pelas risadas, compartilhando nosso dia-a-dia.

A minha mãe NILVA que se preocupou a quilômetros de distância, com meus momentos de cansaço, mas se fez presente em orações. Obrigada por confeccionar a roupa da Luanda, ficou linda!

Ao meu pai que onde estiver nesse momento sente orgulho da Maria Aparecida.

A Lara, Mateus e Bernardo. Bernardo mesmo antes do nascimento já estava mencionado em meu memorial e nasceu em julho dando-nos muitas alegrias.

Lara, minha afilhada, emprestou a boneca ruiva enriquecendo o respeito às diferenças e a quem presenteei com livros sobre a temática que não tive oportunidade de conhecer na minha infância. Mateus pelo brilho no olhar, e levadeza, que ao me visitar nos fins de semana me fazia relaxar depois de uma semana às vezes tão sobrecarregada.

A Gracinha pela doçura e o abraço com o qual me recebe aos sábados. Seu olhar sobre os trabalhos desenvolvidos é a maior gratificação que tenho a tanta valorização dada ao profissional da educação.

E ao querido orientador José Raimundo pelo apoio, disponibilidade que teve em orientar, questionar, propor estratégias, sempre empolgado com o desenrolar de cada passo do projeto. E também não posso esquecer o carinho dispensado as bonitinhas, bonitezas e bonitonas. Obrigada pelos conhecimentos compartilhados.

A equipe da UMEI Aarão Reis pela dedicação. Ao envolvimento das colegas Vívian, Eloísa, Christiane, Éster, Vânia, Isabel, Kátia Parrela e Darc que se deslumbrava com a riqueza de detalhes da aluna Ilana no projeto que desenvolvi.

A Viviane que com tanto carinho cuida de mim.

Ana Maria e Natália que se disponibilizaram ensinar a usar o Power point para as apresentações, e meu marido que aprendeu com elas e sem medir esforço montou brilhantemente enriquecendo nosso trabalho com imagens fantásticas.

Aos pais dos alunos que com depoimentos me parabenizava, apoiava, agradecia pela oportunidade dos filhos compartilharem desse momento que eles não tiveram.

E, finalmente a todos que de forma direta ou indireta colaborou para o sucesso desse projeto que possibilitou orgulho do pertencimento étnico-racial.

RESUMO

O presente plano de ação parte da necessidade de um olhar reflexivo sobre as questões raciais na educação infantil onde a maioria dos professores não tiveram oportunidade de trabalhar o tema, pois muitos não foram capacitados em sua formação. Diante da importância da temática cultura africana e da lei 10.639/03 volto-me para a carência de iniciá-la na educação infantil. Sendo a escola um espaço polissêmico, devemos problematizar as situações, perguntar antes de julgar, (Re) pensar os diferentes percursos escolares da vida de cada um pois a conduta humana é dotada de sentidos e cada um de nós temos o direito de conhecer nossas origens e ser respeitado independente da cor de sua pele.

Palavras-chave: Educação Infantil – Lei 10.639/03 – Afro-descendentes – Respeito à identidade

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	09
2. DESENVOLVIMENTO	13
3. CONCLUSÃO	76
4. REFERÊNCIAS	80
5. ANEXOS.....	81

1 - INTRODUÇÃO

Iniciar uma discussão abordando o tema questões raciais é realmente um ensaio, pois como professora da educação infantil é a primeira vez que me deparo com colocações mais sistematizadas. Trabalhava esse tema nas escolas apenas quando surgia algum conflito dentro da classe, quando era lembrado nas datas comemorativas ou quando veiculava algo sobre o tema na mídia. As informações para essas aulas eram meramente informais, coletadas de reportagens, que não tem compromisso com o educar em si, mas sempre deixam margem sob um ponto de vista político ou econômico que interessa ao jornal.

Agora analiso e percebo que comecei a ter um olhar completamente diferente sobre as questões raciais, que alargaram as fronteiras dos meus preconceitos e aceitações, não apenas como professora, mas até mesmo como pós graduanda.

Vejo também que no cotidiano escolar faz-se necessário um olhar mais crítico sobre as questões raciais na educação infantil onde os professores em sua maioria não tiveram oportunidade de discutir, trabalhar e analisar o tema, pois muitos não foram capacitados em sua formação não fazia parte do currículo. Outros como eu tiveram oportunidade de estar neste curso devido às sobras de vagas. Este não é um tema que está entre as opções apresentadas pela prefeitura aos professores de educação infantil. Esta escolha estava reservada somente aos professores de historia. Na falta deles preenchemos esta lacuna. Acredito ser um pouco mais amplo para nós, pois não temos uma bagagem de historia tão específica.

Mas, diante a importância dessa temática e da lei 10.639/03 volto-me para a importância de iniciá-la na educação infantil. Pude perceber até mesmo que esta lei não está contemplada no Projeto Político Pedagógico da Umei, o que já sugerimos em nossas reuniões diante do Projeto de Intervenção que será por nós efetivado no decorrer do curso. Na pesquisa aplicada aos professores da Educação Infantil quase nenhum conhece ou trabalha as questões raciais com as crianças.

Acredito ser esta uma maneira de tentar reter as discriminações, promover inclusão, cidadania e respeito. Por que não dizer que é um grande passo para enfrentar a injustiça na educação sendo uma luta pelo direito a diferença sem que implique em desigualdades. Pela desconstrução de estereótipos, imagens negativas da (escravidão) e construção do orgulho diante a informação sobre a África, com olhar positivo sobre a questão racial. Essa resistência é provocada pelo desconhecimento e isso requer uma mudança de postura dos profissionais, o conflito é inevitável é preciso um trabalho interdisciplinar e coletivo.

Precisamos ficar atentos para que o currículo não se torne turístico passando apenas nas datas comemorativas como Dia da Consciência Negra, Dia do Índio, e outros, não trabalhando somente aspectos folclóricos sem discutir, sem problematizar. Interpretação equivocada pode levar a folclorizar a discussão sobre a questão racial. Nós demoramos muito a indagar, conversar, discutir. Isso aparece claramente na pesquisa aplicada pelo professor da disciplina Análise Crítica da Prática Pedagógica (ACPP).

E as questões surgem quando menos esperamos e por crianças que estão em formação mesmo que pequenas, pois a mídia e as informações estão em toda parte inclusive na Educação Infantil. Essa colocação sobre a questão racial se faz presente quando ouvimos uma aluna de dois anos negra, reclamar quando a professora colocava assentada perto de outra criança negra. Ela chorava e se recusava lanchar dizendo que a outra era preta. Mesmo esta criança sendo negra ela sempre disse ser a Branca de Neve, o que não vejo nenhum problema nisso, mas o que questiono nesse momento eram quais histórias foram contadas, será que ela conhecia alguma história de princesas negras ou aos negros dos seus contos estavam destinados os lugares de escravos?

E ainda quando uma criança branca de quatro anos chega próximo da professora e diz: “Aquele menino escuro está brigando comigo”. Se tratando do seu colega de sala ela sabia o nome dele. Observo que muitas vezes por falta de conhecimento não se problematiza ou argumenta. Deixamos o preconceito criar raízes na vida dos alunos já no período de formação.

Na nossa sociedade a criança negra é privada das referências necessárias para uma identificação positiva e permanente com sua raça. E o reconhecimento da diferença deve ser construído no sentido da “valorização” e posterior “naturalização” dessa diferença e ajudar a criança a enxergar os elementos positivos da diversidade, demonstrando que as diferenças entre as pessoas é que tornam o mundo mais interessante.

Em todos estes questionamentos entra alguns conceitos sobre: Educação, Sociedade e Cultura onde ocorre o entrelaçamento da vida social. A escola está dentro da sociedade, então precisamos analisar a aprendizagem do aluno dentro da complexidade. A educação faz parte de estruturas sócio-históricas, que determinam o próprio sistema educativo e escolar, portanto a educação não é o único fator de desenvolvimento e a educação sozinha não resolve o problema do país.

Marx coloca, que o capitalismo estrutura a partir da mercadoria e o mercado estrutura toda vida social. Será que a “sala dos que não aprendem” não existe em consequência da “família desestruturada” e esta por causa dos problemas sociais? E da má distribuição de renda?

Parafraseando Emílio Tenti Fanfani no seu texto: Problemas sociais do novo capitalismo nos leva a refletir sobre as relações onde não existe o social independente do político, econômico e cultural. Expõe, também, que a pobreza, a exclusão, a família e o estado é resultado de um processo. Por isso uma verdadeira ciência social não pode deixar de ser histórica. E esta nova demanda introduz novos desafios a luz da educação. Será que nós, professores, com nossas dificuldades estamos preparados para enfrentar estes desafios?

Fanfani coloca também no texto “Novos docentes e novos alunos” a importância do professor estar informado sobre a lógica de desenvolvimento da ciência e da tecnologia modernas e sua incorporação em todas as esferas da vida social. Apresento o meu questionamento sobre o tempo do professor. Deixo claro que tanta falta de respeito, desvalorização, conceitos errôneos sobre a nova

configuração familiar que não é somente do discente, mas também do docente, pois antes esta me parecia só do aluno, compromete toda a estrutura sócio-histórica da aprendizagem e porque não dizer da educação.

Que tal experimentarmos o círculo virtuoso, interrogar-nos mais sobre o que está acontecendo e ir ao encontro dessas crianças sem os (pré) conceitos já formados a respeito de cada um deles. Lembrando que a escola é um espaço polissêmico, sendo assim devemos problematizar mais as situações, perguntar antes de julgar. (Re) pensar os diferentes percursos escolares da vida de cada um/uma taxado (a) de não aprender, pois a conduta humana é dotada de sentidos e cada um de nós tem intencionalidade e interesse por alguma coisa. Quem sabe se começarmos tirando os “bonés” dos nossos olhos, possa encontrar sentidos para nós e direcionarmos o nosso caminho pautado em mais respeito; dando e recebendo.

Na introdução faço uma análise de tudo que aprendi e desaprendi durante este um ano e meio que estive cursando História da África e Culturas Afro-Brasileiras na Universidade Federal de Minas Gerais

O desenvolvimento compreende um capítulo bem extenso onde apresento o meu processo histórico de escolarização, familiar, profissional fazendo um balanço histórico e reflexivo de cada etapa experienciada. Em seguida faço a contextualização do espaço escolar onde desempenho a função de Educadora Infantil. Dando segmento um registro detalhado de como foi a problematização em torno da Lei 10.639/03 e os procedimentos didáticos-metodológicos onde foram envolvidos na temática central os nossos colegas educadores, alunos e seus familiares, enfim toda comunidade escolar.

Na conclusão faço uma avaliação do percurso desse importante trabalho de intervenção desenvolvido na Umei Aarão Reis e nas considerações finais avalio o significado da minha trajetória cheia de emoções, aprendizagens e descobertas no decorrer deste trabalho gratificante.

2 - DESENVOLVIMENTO:

DO NÚCLEO FAMILIAR À EDUCAÇÃO ESCOLAR

Nasci no dia 09 de janeiro de 1966, no município de Leopoldina. Eu, Maria Aparecida de Castro e minha família residíamos no distrito de Piacatuba, um vilarejo com 800 habitantes. Um sítio nas proximidades deste distrito foi o local de minha primeira moradia, junto com meus familiares. Meu pai trabalhava nele onde a principal fonte de renda era a atividade agropecuária, desse trabalho tirava o sustento da família. Minha irmã Maria do Carmo era minha fiel companheira e juntas crescemos brincando e acompanhando nossos pais na lida, nas dificuldades financeiras e na falta de diálogo do dia-a-dia.

Minha família é pequena composta por João Gonçalves de Castro nascido em 05/01/1922 e vindo a falecer em 22/06/2002, meu pai, homem muito rígido, conservador, exigente e autoritário de quem eu tinha mais medo que respeito, pois gritava demais ao nos corrigir pensando que assim estaria nos educando e nos ensinando a viver por nos amar demais (ouvi ele dizendo isto uma vez) mas apesar de pouco estudo sempre dizia que a maior herança que iria nos deixar eram os estudos. Pessoa de poucas possibilidades financeiras, mas homem de muita luta. Sempre ouvia e agora venho relembrar com emoção uma frase de meu pai e esta leva-me sempre adiante “Não deixo a peteca cair” e nunca deixou mesmo, lutando até contra a morte num desejo enorme de viver.

Nilva Vieira Castro nascida em 23/08/1935 hoje com 75 anos, é minha mãe, forte, bonita e com tamanha disposição as atividades do dia-a-dia. Mulher de muita fibra, submissa, mas com garra, vencendo os desmandos de meu pai ajudando no aspecto financeiro com coragem e determinação. As mães naquela época estavam sempre em casa ocupadas com seus afazeres, ensinavam o para casa e ajudavam no orçamento desenvolvendo atividade que era na maioria das vezes feita em casa, no caso de minha mãe, costureira.

Costurava para fora o dia todo e em época de festas no interior eram madrugadas que enfrentava corajosamente na máquina podendo assim nos oferecer mais conforto e ajudando a financiar o custo (passagens, material escolar, uniformes) dos nossos estudos, exercendo ainda o trabalho doméstico que por sinal era muito pesado. Ajudava meu pai a tirar leite, capinava sempre nas proximidades de nossa casa humilde e até mesmo rachava lenha e nos dava uma comida gostosa. Sempre fazia doces de leite que ainda hoje é muito apreciado por todos que tem a oportunidade de saborear, quando vão passear em Piacatuba onde reside até hoje, lugar pelo qual somos apaixonadas.

Por Maria Cristina, a minha irmã mais velha, que ao nascer com sérios problemas de coração e devido aos recursos pouco avançados da medicina daquela época e os que existiam, eram distantes, de difícil acesso, e as condições financeiras da minha família, então ela veio a falecer aos seis meses.

Já Maria do Carmo a caçula era, amiga, irmã, defensora e colaboradora nas maiores dificuldades que já enfrentei, num período conturbado de minha vida. Hoje ela reside em Três Marias, Minas Gerais está casada mãe de dois filhos, meus sobrinhos pelos quais tenho verdadeira paixão Lara de oito anos, Mateus com quatro anos e estamos aguardando com muita alegria a chegada do pequeno Bernardo para julho.

Eu, Maria Aparecida, descrevo-me uma criança cheia de inseguranças e medos e assim fui crescendo num ambiente familiar cheio de altos e baixos.

Em 15/11/91 me casei. Morei três anos em Piacatuba, vindo do interior para a capital somente em 1995, aonde vim tentar uma nova vida, no interior emprego é coisa complicada e onde morávamos somente a escola e a companhia Força e Luz era possível o vínculo empregatício. Em Belo Horizonte deixei a escola por dez anos consecutivos, para trabalhar com meu marido acreditando no sonho do negócio próprio, voltando a lecionar em 2003.

Meu marido veio para Belo Horizonte em 1993 trabalhar com um amigo que se propôs a nos ajudar em seguida meu primo convidou-o para trabalhar com ele e tão logo compramos nossa primeira mercearia e em 1998 compramos uma padaria. Seguimos bem por um período de cinco anos e após este período tivemos problemas financeiros, dos quais meu marido com o intuito de me poupar colocou tudo a perder e falimos. Logo em minha cabeça passa um filme doloroso de minha vida.

Marido faliu, em seguida adoeceu (depressão). Pensando em bens duráveis concluo que não tenho casa própria, e ainda filho pra criar... Como enfrentar? Venci muitas barreiras, fiz concurso, adoeci (depressão) e com sobrecarga, pois além da vida pessoal tenho a profissional onde sempre envolvo muito com os problemas dos meus alunos. Como consegui enfrentar os problemas com mais maturidade, logo consegui meu primeiro contrato no estado, fiz o concurso de Educador Infantil da prefeitura e assumi todas as despesas de nossa casa (aluguel, escola, alimentação) com os baixos salários de professor do ensino fundamental, mas hoje conto com um salário a mais pois meu marido é funcionário de uma padaria depois de tentar dar a volta por cima. Tenho apoio dele para trabalhar o dia todo, pois enfrentar o dia fora e o trabalho de casa seria impossível sem que tivesse ajuda dele e de minha filha. Assim a cada dia vou sonhando e conquistando alguns destes sonhos e acima de tudo feliz, apesar dos desafios.

Tenho uma filha de 13 anos que é minha maior alegria. Ela carinhosa, amiga, meiga, lindíssima, inteligente, responsável, compreensiva com maturidade para enfrentar e assimilar as nossas dificuldades diante dessa sociedade consumista.

Moramos neste sítio até que eu completei oito anos. Meu pai resistia a mudanças, esta só aconteceu quando já passava da hora de iniciar minha vida escolar, o que tornou-se um mistério para mim.

Assim que terminei a primeira etapa do ensino fundamental em 1977 que era até a quarta série. (Nesta escola foi implantada a quinta série em dezenove de maio

de 1985). Nesta época fui morar na casa dos meus tios, nos fins de semana ia para casa, devido à resistência de meu pai a mudanças. Ele chegou a alugar uma casa no município de Leopoldina e não fomos meu pai não dispunha de recursos financeiros para custear passagens para ir e voltar todos os dias como acontecia com alguns colegas.

Mais tarde a partir de 1982, comecei a participar de grupos na igreja como a CEBs. Nessa organização tinha uma amiga bem mais velha que me confidenciava sobre o pai que era um esquerdista nesse período comecei a ouvir sobre a ditadura militar, assunto este que não era do conhecimento de toda família, pois dentro de um grupo de três irmãs apenas uma falava e demonstrava conhecimento sobre a era militar. Ainda tentei algumas leituras sobre o assunto, mas encontrava dificuldade, pois não tinha nenhum conhecimento prévio e estas matérias não foram lecionadas durante minhas aulas de história. Ficava intrigada querendo descobrir algumas coisas, mas não sabia por onde iniciar. Os livros didáticos de quinta a oitava série eram manipulados pelos ditadores, seus conteúdos eram superficiais. Era um momento que ninguém podia falar ou se posicionar. A falta de conhecimentos oriundo do âmbito familiar e social muito contribuiu para uma formação política deficiente.

Hoje a nova configuração familiar apresenta-se bastante diferente, pais precisam e trabalham o dia todo para dar conta do orçamento da casa e mesmo assim bem precários, filhos, nas creches, com parentes ou mesmo com vizinhos assim com hábitos e limites bastante diferentes, pois nem consegue identificar a quem devem obedecer.

Eu Maria Aparecida hoje aluna do curso de pós graduação olho a minha história e compreendo melhor meu percurso educacional, analiso também as conquistas e perdas de uma pessoa que estudou em escola estadual e agora tem um novo olhar, pois atua como professora na rede municipal de ensino. Luta para ser ouvida como profissional da educação fazendo, para isso, uso da sua liberdade que foi vedada no seu processo educacional, porém adquirida ao logo da carreira do magistério.

HISTÓRIA DA VIDA ESCOLAR: PROCESSOS DE ESCOLARIZAÇÃO

Recentemente visitei a escola onde estudei e consultando os registros da época descobri que freqüentei a escola em 1973 até maio, depois desapareci desses registros e só voltei no ano seguinte ingressando novamente na primeira série, comecei então uma busca por esclarecimentos com minha mãe, professoras da época e não sabem o que foi que na realidade aconteceu. Os registros escolares não eram compostos por explicações, consta apenas: aluno admitido um masculino, aluno eliminado um feminino. Fica aqui uma curiosidade que talvez seja desvendada por algum familiar, amigo ou professor.

Segundo os registros escolares quando completei oito anos, período que meu pai mudou-se para Piacatuba, pois já havia passado a idade determinada por lei que a criança deveria ser matriculada numa escola. A matrícula foi realizada na Escola Estadual “Dr. Pompílio Guimarães” em 1974. Esta escola está situada em frente à casa onde mora a minha família. Quando cheguei à escola tive muitos problemas com adaptação, vinha de um lugar onde meu convívio era praticamente familiar e às vezes visitava à casa de um vizinho que ficava próximo ao sítio onde morávamos.

A escola era composta por apenas quatro salas de aula, uma cozinha, um pátio, uma área externa grande, onde era cultivada uma horta e sobrava muito espaço para correr e brincar. As carteiras eram com assento para duas pessoas, e quando entrei na sala chorava muito, pois queria que minha mãe ou minha irmã me fizesse companhia. No início minha mãe ficava do lado de fora da sala, quando percebia que eu não estava chorando aproveitava o momento de distração e se retirava da escola, mas ao lembrar-se do aconchego familiar chorava e saía correndo em busca da minha mãe, foi muito sofrido. Até que deixaram minha irmã ficar na sala.

Na década de 70 as crianças chegavam à escola aos sete anos sem nenhum pré – requisito para a alfabetização, pois na época não tinham praticamente nenhum contato com material pedagógico, eram somente brincadeiras nos quintais,

espaços enormes que podíamos desfrutar. Massinha, tesoura, não era um material disponível, portanto era “passado” em nossos cadernos atividade de prontidão, o famoso sobe e desce. Primeiro era pontilhado pela professora e os alunos passavam por cima, depois ela só iniciava e a turma dava continuidade a esse processo até conseguir segurar o lápis corretamente e desenvolver a coordenação motora. A partir desse momento recebiam a cartilha. “A ave voa. Vovô viu a uva”. Não pediam para pensar, perguntavam a opinião sobre qualquer assunto ou questionavam. As redações eram sobre “o gatinho”, aprendiam as quatro operações e sempre copiando do quadro e dando respostas completas e tiradas da leitura.

Em 1977 conclui a quarta série primária na escola estadual. Podem-se ver de forma clara as mudanças ocorridas nos anos 70 e hoje. Pois atualmente as crianças começam a freqüentar a escola cada vez mais cedo e tem contato com os meios da escrita e diferentes portadores de texto.

Somente no ano de 1970 chegava a este distrito o meio de comunicação tão sonhado, a televisão. E esta somente três famílias possuíam. Em uma conversa com minha professora da primeira série ,em abril de 2010, esta ainda lembra-se do primeiro filme assistido assim que chegou a televisão, “ Medeia “ lembra-se dos artistas e da história e procurou-me para relatar estas lembranças. Fiquei feliz, pois a procurei para contar da pós graduação e do trabalho que venho desenvolvendo neste curso. Durante este meu percurso escolar não é possível a lembrança de nenhum dos professores, comentar ou questionar o que acontecia no país naquele momento era quase impossível.

Após a conclusão do primário fui para o município de Leopoldina, onde em 1978 iniciei a quinta série na Escola Estadual Professor Botelho Reis. O que me chamou muita atenção foi fazer educação física, essa disciplina figurava como novidade não tinha nas series iniciais, nesta a professora deixava brincar toda sexta-feira, ela sentava na escada da escola e ficava observando as brincadeiras. E no ginásio a educação física era fora do horário de aula, estudava a tarde e

duas vezes por semana fazia a educação física pela manhã numa área enorme com quadra, piscina e pista de corrida que pertencia a escola.

Comparando os anos percebe-se que hoje as crianças têm transporte gratuito para freqüentar a escola. No ginasial não recorro dos professores fazendo referencia e nos levando a questionar fatos que aconteciam no Brasil. Os livros adotados pela escola eram comprados pelos pais, com certeza estes tinham o formato que interessavam aos políticos (ditadura). Em 1981 um período normal de conflitos para uma menina adolescente de quinze anos, pais conservadores, autoritários, e sem saber que direções seguir ficou presente em minhas lembranças as conversas sobre os meus conflitos com Monsenhor Guilherme que era o diretor da escola. No intervalo sempre o procurava para falar dos conflitos, medos, sonhos, anseios e este com carinho e atenção ouvia e aconselhava.

Terminado o ensino fundamental fui para a Escola da Comunidade Coronel Luiz Salgado e agora ao iniciar uma (re) memoração a cerca do magistério me vem à lembrança como ocorria a formação profissional naquele tempo. Em uma pequena cidade do interior os cursos oferecidos se limitavam em três áreas: Magistério, Contabilidade e Científico.

O científico era um curso onde os alunos e pais almejavam algo mais, pois após concluir maioria dos alunos saíam para tentar vestibular em outras cidades.

Já o curso de contabilidade contava com um número maior de homens, pois neste curso não havia muita colocação no mercado de trabalho principalmente para mulheres.

Entretanto, o magistério, era o curso tão sonhado pelos pais, para suas filhas, que deveriam casar-se e trabalhar um horário menor fora para cuidar da família e seus afazeres domésticos. Talvez nem fosse realmente nosso sonho, mas éramos levadas, induzidas a cursar. Talvez algumas de nós sentíamos frustradas e insatisfeitas outras realmente identificavam com a profissão. Penso que foi isso que aconteceu comigo, identifiquei com a profissão.

Naquele período a forma tradicional de ensino imperava onde a relação com o corpo docente era apenas aulas expositivas, o professor detentor do saber. Era uma relação de professores deuses, estes sabiam e expunham para a turma e esta quase não questionava o que ouvia.

A nossa relação umas com as outras, era de amizade e respeito, mas uma relação mais superficial, imatura e distante, pois muitas já trabalhavam durante o dia para ajudar a família ou mesmo para pagar os custos do curso que tinha um valor razoável; e outras só estudavam (minorias).

Penso que a aspiração da maioria de nós era sim de trabalhar, mas não era uma convicção maior do que a do namoro e sonhos com o casamento, e isso era tudo que a sociedade da época estabelecia como padrão.

Para algumas o primeiro contato com o magistério foi assustador, pois vivíamos somente de papeis, planejamentos e estudos. A nossa realidade de classe média não nos permitia pensar e nem conhecer a realidade da periferia ou zona rural.

Para mim, devido ao fato de estar presente na escola, por esta ser situada próxima a minha residência, o primeiro contato foi mais tranquilo e enriquecedor, pois o convívio com as professoras e alunos, muito me aproximou da realidade escolar. Hoje quando analiso o grau de envolvimento dessa primeira experiência classifico-o como uma relação superficial.

Após experiência na sala de aula tem início o curso de pedagogia, onde a turma tem características completamente diferentes do magistério. São pessoas já convictas do que querem, a maioria já atuando em algum segmento no espaço escolar e frequentava a faculdade com o intuito de aprender mais na área que desenvolve o trabalho educativo.

Nesta turma de pedagogia havia colegas casadas e a maioria já se preparava para o casamento inclusive eu me casei no final do curso. Nossa amizade era mais de companheirismo de envolvimento umas com as outras, mas lógico

sempre tinha os grupos com maior identificação na área de estudo, também de amizade. Alguns professores nesta época, não davam grande importância a chamada, exigia sim uma frequência, mas muitos freqüentávamos as aulas por gosto e interesse. As minhas amigas já trabalhavam na escola da prefeitura.

Nesse momento a prefeitura de Cataguases desenvolvia um trabalho voltado para a perspectiva Emília Ferreiro, que em suas pesquisas deixa claro que o que leva o aprendiz à reconstrução do código lingüístico não é o cumprimento de uma série de tarefas ou o conhecimento das letras e das sílabas, mas uma compreensão do funcionamento do código. Tinha muito interesse em conhecer esta proposta e sempre me colocava a disposição para estágios voluntários nas escolas onde estas colegas atuavam.

Nesta época eu não trabalhava e como morava no interior meu pai pediu a uma prima para que eu e minha irmã pudéssemos ficar na casa dela para estudar por isso estive presente algumas vezes na sala de aula para ver como era desenvolvido a alfabetização a partir da perspectiva construtivista. Era preciso ter muita convicção do que queria.

Em 1995 quando mudei para Belo Horizonte, pensava que não mais retornaria a sala de aula, trabalhava com meu marido e achava que aqui seria muito difícil em vários aspectos, tudo era muito longe, não conseguiria contrato com facilidade e tinha medo das turmas na sala de aula. Residia próximo a comunidades menos favorecidas e tinha medo dessa nova realidade, lidava com os meninos no comércio onde trabalhava e ficava assustada vendo as queixas das mães sobre seus filhos.

Devido a grandes dificuldades que vinha enfrentando na minha vida pessoal, uma amiga me avisou sobre a inscrição para designação no Estado e eu fiz.

TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

Em 1986 fiz inscrição para lecionar na rede estadual de ensino, mas sem nenhuma perspectiva e nem convicção se era mesmo o que queria, pois nesta época trabalhava numa loja de esportes. No início de fevereiro recebi um telefonema me chamando para comparecer à escola para uma designação. Compareci, a designação era para uma escola anexa na zona rural que ficava a 40 km do distrito onde morava. De imediato aceitei o cargo fui para casa conversar com minha família, não sabia exatamente o que fazer com o cargo nem com a situação.

A escola estava situada ao lado de uma fazenda e em frente uma igrejinha. A estrutura física do prédio era composta por uma casa pequena, um pátio, uma sala de aula onde funcionava somente uma turma multiseriada (1ª à 4ª série) e uma área externa grande de frente para uma represa que gerava energia da Companhia Força Luz Cataguases Leopoldina. Um lugar muito bonito, mas quase deserto devido a distância que as famílias moravam. O percurso da casa onde estava hospedada até a escola era de aproximadamente 4 km. Caminho que percorria as 5:00 horas da manhã pois a ajudante teria que chegar as 6:00 horas no local de serviço. E nós duas só voltávamos para casa à tardinha por volta de 16:00 ou 17:00 horas quando o sol já estava mais fresco. No período da tarde planejava as minhas aulas e as deixava preparadas para o outro dia. Foi um período delicado, pois não tinha nenhuma experiência e para ter alguma orientação seria somente as sextas- feira quando voltava para minha casa e procurava a diretora para contar sobre a semana e pedir orientações.

No primeiro dia meu pai, minha mãe e meu namorado ficaram comigo até a chegada das crianças. Estas vinham acompanhadas pelos pais, pois sabiam que a professora não era a mesma do ano anterior e todos queriam conhecê-la. Era difícil saber qual rosto estava mais apreensivo, curioso, cheio de dúvida, expectativa e até insegurança, o das crianças, dos pais ou mesmo o da professora pois seria uma nova experiência para todos.

Começamos a conversar, meu pai começou a sentir mais seguro, cumprimentava alguns conhecidos e perguntava por outros. Nesse instante percebi que não estava entre pessoas tão desconhecidas e a confiança começava a tomar conta de mim.

Fui com as crianças para sala não sabia bem como conduzir a situação iniciei uma apresentação, depois falei para os pais o horário de entrada e saída e aos poucos todos iam embora mais seguros e confiantes.

Quando minha família também foi, chorei, pois sentia uma sensação de solidão que doía muito. Um vazio e muita vontade de sair correndo e ir embora, mas isto não era possível porque era a única responsável pela escola e a pessoa que estava comigo era meu segundo contato com ela, sentia medo da noite quando pensava naquela escuridão, numa família desconhecida, era só o início dos desafios que começava a enfrentar.

Conversei um pouco tentando deixar de lado medo, insegurança, incertezas e logo após fui para a sala pensar, programar e planejar o dia seguinte, pois este seria um desafio enorme estaria ali de 7:00 as 11:00 horas com vinte e cinco alunos, cada grupo de mais ou menos seis estudantes em uma série diferente.

Sentei planejei aulas de matemática e português para quatro séries diferentes, mas no que se refere a parte pedagógica a falta de estratégia e dos princípios didáticos e metodológicos foi o que mais dificultou vivenciar este primeiro contato com a sala de aula e no outro dia pensava que nada seria diferente do que preparei, mas, quando chegaram os alunos, alguns da 3ª e 4ª série vieram sozinhos trazendo irmãos mais novos, outros chegam com os pais, estes cumprimentam demonstram confiança e vão embora.

Na sala separei os alunos por fileira. Estes eram calados, tímidos, respeitavam acima de qualquer circunstância. Passei no quadro o conteúdo que havia preparado, comecei com a quarta série. Antes que desse conta da primeira série os alunos da quarta já haviam terminado as atividades ,então fiquei um pouco

sem chão, mas para o outro dia pensei numa estratégia diferente peguei livros que encontrei no armário e distribui para que lessem até que atendesse a todos.

Quando voltei minha atenção para os alunos da primeira série percebi que estes nunca havia frequentado a escola e a coordenação motora precisava ser desenvolvida e estes não copiavam nada, então consegui algumas tesouras com os pais iniciei com eles recorte até chegar o fim de semana para conseguir algum material na escola pólo e dar continuidade ao trabalho. Depois de uma semana, mas já com um diagnóstico que me apontava um norte e as sugestões de atividades sugeridas pelos colegas, com as quais já tinha amizade, pois residíamos no mesmo distrito, mas como colegas de trabalho me davam apoio, incentivo, mas praticamente não tinha muito contato com elas, pois passava a semana nesta roça onde trabalhava e quando chegava se precisava de algo as procurava em casa, iniciei a semana com mais entusiasmo.

Esta experiência na zona rural foi de grande relevância na minha vida profissional, pois além de adquirir estratégias para atuar na sala de aula, aprendi também como administrar, pois todo serviço da escola, festas, tudo era preparado por mim. A diretora da escola me confiou toda a tarefa que se referisse à classe anexa.

Era necessário também ter muita segurança para enfrentar os desafios de um trabalho pautado na construção do conhecimento sendo o professor um mediador. A maioria dos colegas onde mais tarde fui trabalhar eram conservadores e não aceitava um trabalho ser desenvolvido nessa linha de pensamento, isto dificultava não tinha como conversar e dividir aflições sobre esse trabalho.

Quando em 2003 saiu a classificação eu ficava bem colocada, além da faculdade tinha também uma contagem de tempo bem expressiva. Nesse momento o retorno a sala de aula onde esta seria para mim um bicho de sete cabeças, insegurança e medo, havia grande expectativa. Já conhecia o Estado, não de uma maneira muito positiva. Pensava que com o passar dos anos pudesse

encontrar mudanças para melhor. Em termos de materialidade e salário, que decepção, era a mesma coisa, só que com um agravante maior o número de alunos na sala de aula em relação ao número de alunos no interior.

Fiquei assustada quando deparei com uma turma de primeira série com trinta e três alunos. Com apoio de uma grande amiga fui desenvolvendo um trabalho de alfabetização na turma e mesmo com poucos recursos oferecidos pelo Estado e as limitações e deficiências na escola, as coisas não caminham no mesmo ritmo, tempo e condições das necessidades dos professores.

Adaptei e fui fazendo o que era possível. Alfabetizei os meninos e hoje o que era tão assustador não é mais tão difícil como pensava, a experiência nos ensina a viver um dia ou mesmo um ano de cada vez. Quando iniciei pensava que levaria tudo pronto para o aluno e que esse não trazia nenhuma bagagem de sua vida cotidiana e como muito bem coloca Paulo Freire “Por que não estabelecer uma “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?”.

Aos trinta de janeiro de 2005 tomei posse no concurso prestado a Prefeitura de Belo Horizonte para atuar na Educação Infantil que estava sendo implantada para atender crianças de zero a seis anos.

Quando tomamos posse, fomos para a escola Hélio Peregrino a Umei Aarão Reis estava em fase de acabamento. Em nossa primeira visita a escola ainda encontramos os últimos materiais de construção espalhados por ela. Mas ficamos encantados com a estrutura para as crianças, e para nós, decepcionamos um pouco, pois a sala de professores era pequena demais para acomodar tantos profissionais.

Segundo a elaboração do Projeto Político Pedagógico

“A UMEI Aarão Reis surge a partir das novas exigências para o atendimento às crianças de zero a seis anos. O Conselho Municipal de Belo Horizonte,

analisando o contexto histórico do atendimento de crianças dessa faixa etária, entendeu a urgência em consolidar a Educação Infantil como primeira etapa da Educação Básica, constituído direito da criança de zero a seis anos, complementando a ação da família e da comunidade, como previsto na LDBEN nº 9.394/96.

O grupo de profissionais da E. M. Hélio Pellegrino e a comunidade percebendo a necessidade de atendimento às crianças de quatro e cinco anos, se organizou para buscar junto à prefeitura municipal a ampliação do atendimento da instituição.

Quando os técnicos da prefeitura foram visitar a escola em 28/08/2002 para fazer a medição do terreno, o grupo de profissionais do segundo turno presentes no momento da visita foi surpreendido com a confirmação da ampliação e de que seriam construídas duas salas para atender às crianças de quatro e cinco.

A partir deste momento iniciou-se uma mobilização e discussões para repensar o processo de ampliação. Entre as questões apontadas a que mais inquietou o grupo foi como uma escola que atende alunos até o terceiro ciclo do Ensino Fundamental atenderia alunos da Educação Infantil: o mesmo refeitório, o mesmo banheiro, o mesmo espaço externo para realizar as atividades extraclasses tão necessárias nessa idade. Após várias discussões entre prefeitura, escola e associação comunitária o impasse foi solucionado.

Um terreno próximo à E. M. Hélio Pellegrino, onde funcionava a sede da associação comunitária, foi cedido para a construção da UMEI Aarão Reis. Essa conquista foi de fundamental importância para a comunidade. A proposta inicial de construção de apenas duas salas na E. M. Hélio Pellegrino que atenderiam cem crianças de quatro a cinco anos, se concretizou em um novo prédio independente, de atendimento à educação infantil com capacidade de atender até 270 crianças de zero a cinco anos”.

Em 2009 desenvolvi um trabalho de contação de histórias, com a turma de três e quatro anos que foi muito gratificante, para mim e para a formação da criança. No mesmo sentido, Abramovich contribui com a reflexão mostrando que através das histórias, a criança suscita o imaginário e através dele entende o mundo do qual faz parte: “É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranqüilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve – com toda amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar... Pois é ouvir, sentir e enxergar com olhos do imaginário!”

Ao entrar na turma as crianças já sabiam que era o momento de ouvir história. Em seguida, pedia que cada uma colocasse no papel em forma de desenho livre o que mais gostou na história. Fazendo uma reflexão a cerca de como foi se desenvolvendo o processo escolar em minha vida, chego a costurar o que se passava no início e o que vem sendo diferente e fazendo a diferença neste momento da minha vida profissional. Fica claro, partindo do ponto que me fascina, que é ver nos traçados dessas crianças, as expressões fantásticas de seus desenhos e que cada uma dentro de seus limites, expectativas, sonhos, modo de ver o personagem da história, desenham sua visão, o modo como vêem cada personagem e como estes marcam e são representados por sua imaginação.

Quando iniciei no magistério os desenhos eram apresentados prontos para as crianças e não tinham suas características, sua expressão era apenas para ser colorido, e ainda mais; colorido dentro do contorno. São nítidas hoje as características e expressões dos desenhos de cada criança e como isso vem fazendo parte da sua construção do conhecimento. E como muito bem coloca Paulo Freire em suas considerações ou reflexões acerca da formação docente no Livro Pedagogia da Autonomia “Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

No segundo semestre de 2009 tive a oportunidade de concorrer ao sorteio para participar da pós graduação oferecida aos professores que ainda não possuem

da Rede Pública Municipal de Belo Horizonte em parceria com o Laseb, na Universidade Federal de Minas Gerais.

Estive presente no dia 21/07/2009 às 14 horas para assistir ao sorteio que foi realizado no auditório Luiz Pompeu de Campos no campus da UFMG, que constava no edital Nº 01/2009 sendo oferecido aos Educadores Infantis somente uma opção que seria o curso de Educação Infantil, mas infelizmente neste momento não fui contemplada e fiquei muito triste, pois o número de candidatos ultrapassava muito as vagas que eram oferecidas.

Em contrapartida o curso de História da África e Culturas Afro-Brasileiras não preenchendo as vagas não aconteceriam, mas o Laseb atendendo a vários pedidos dos candidatos a este curso, recorreu a SMED com a proposta de abrir as vagas existentes aos profissionais das outras áreas de atuação, o que hoje agradeço muito a Deus que sabe de todas as coisas e me proporcionou vivenciar uma experiência que no primeiro momento quando me inscrevia, pensava que seria muito chato e sem utilidade para a educação infantil, mas muito pelo contrário, o trabalho da disciplina Análise Crítica da Prática Pedagógica (ACPP), que é o projeto de intervenção na escola pré requisito para a conclusão do curso, me envolveu e eu me envolvi que me trás a lembrança uma frase do orientador José Raimundo, “você está muito empolgada, mas cuidado que nem sempre as expectativas são alcançadas do jeito que esperamos os alunos podem não dar retorno positivo” e muito pelo contrário as minhas expectativas foram muito além do esperado.

Quando digo isso não me refiro somente aos alunos os quais estariam envolvidos no projeto, mas também aos nossos colegas que compartilharam dessa experiência fantástica, aos pais que deram seu apoio e junto com os filhos colaboravam com incentivos e os ouviam contar histórias que vivenciavam no espaço escolar, eu como educadora ouvia dos educando historias trazidas de casa de experiências vividas pelos pais.

Fazendo hoje um balanço deste trajeto vivido e experienciado ao longo do curso sinto enorme realização, primeira por mim que pude ao mesmo tempo conhecer uma história com outra visão menos eurocêntrica e compartilhá-la com os envolvidos neste trabalho que não se resumiu somente aos alunos, mas também aos amigos, familiares e pais.

Para compreender a história do continente africano é necessário descobrir o registro colonialista, que vê historicamente o continente como uma unidade monolítica, selvagem, pobre, sem cultura, sem história, ignorando a complexidade, diversidade de culturas e povos, tratando a todos igualmente.

Houve um equívoco sobre o continente africano e seus habitantes. Os efeitos negativos de um olhar confuso sobre a África prolongam-se até nossos dias fazendo-se necessário uma releitura da história do continente e uma reformulação das perspectivas históricas, rompendo com visões equivocadas, com uma história única. É preciso que tenhamos hoje uma visão de dentro para fora.

A história distorcida que se apresenta sobre a África faz com que se perpetue a falsa imagem dos africanos e de seus descendentes como primitivos e atrasados. E segundo consta está diante de um continente de 55 países, entre eles 53 independentes, considerada o berço da humanidade e este ainda é apresentado como cidade, país ou simples aldeia.

Vejo agora a importância de dar continuidade a esse trabalho em minha carreira profissional, pois as diferenças são muitas e o respeito pouco. Não é um trabalho simples, é árduo, mas necessário devido a enorme desigualdade de tratamento enfrentada pelo negro. Penso que a PBH devia repensar ao oferecer este curso somente aos professores da área de história, devia ter um maior incentivo, junto com as políticas públicas desenvolvidas e oferecer o curso a todos os profissionais da educação que se dispusesse a conhecer e trabalhar com a temática étnico-racial que se apresenta numa grande demanda, infelizmente, nos dias atuais após trezentos anos de sofrimento com a escravidão.

IDENTIFICAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

Unidade Municipal de Educação Infantil Aarão Reis – Escola Pólo: E. M. Hélio Pellegrino.

- Endereço: Rua Três, nº 25 – Bairro Aarão Reis, CEP: 31.814.680, Belo Horizonte – MG.
- Início das atividades: Março de 2005.
- Inauguração: 17 de novembro de 2005.
- Entidade mantenedora e grupo fundador: Prefeitura Municipal de Belo Horizonte.

Fins e objetivos da instituição

Os sujeitos da UMEI Aarão Reis concebem a Educação como movimento e conhecimento enquanto informação, reflexão, crítica e transformação. Dessa forma, educar é desenvolver no ser humano todas as suas possibilidades de vir a ser. É desenvolver qualidades escondidas na busca da compreensão de si, do mundo e da vida. Estando, a Educação inserida em um contexto sócio-histórico político busca se a partir da construção da proposta pedagógica dessa instituição a formação de crianças enquanto sujeitos de direitos. O fazer pedagógico, acontecido no dia-a-dia, em parceria com a comunidade escolar irá contribuir para a formação de novos cidadãos.

A organização do cotidiano da instituição e dos grupos de crianças

A organização desta instituição provém da possibilidade de constituir uma visão própria de uma concepção de educação e cuidado com o sujeito. Sua organização visa sintetizar o projeto pedagógico da instituição e apresentar a proposta de ação educativa dos profissionais.

As práticas educativas

Fazer do brincar a forma privilegiada de construção do conhecimento, de expressão das emoções, sentimentos, desejos e necessidades, para que a criança possa viver plenamente sua infância, se torna eixo norteador em busca do desenvolvimento integral da criança. Dessa forma constituem-se fins e objetivos dessa instituição reconhecer as crianças como seres íntegros, que aprendem a ser e conviver consigo próprios, com os demais e com o próprio ambiente de

maneira articulada e gradual. O desenvolvimento de projetos é uma prática constante que poderá efetivar tais objetivos.

A organização e sistematização do conhecimento

A UMEI Aarão Reis tem como fins e objetivos desenvolver a capacidade de observação, reflexão, criação, discriminação de valores, julgamento, comunicação, convívio, cooperação, decisão e ação, atendendo as disposições legais apresentadas na LDBEN 9394/96 nos artigos 2º, 22, 29, 30 e 31. Busca atender os objetivos específicos de cada área de conhecimento na aquisição de competências, habilidades intelectuais próprias e atitudes, de acordo com o proposto pelos Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.

CONCEPÇÃO DE CRIANÇA E DE DESENVOLVIMENTO INFANTIL

A criança enquanto ser social, histórico e cultural

A criança é um ser social e histórico, que faz parte de uma organização familiar inserida em uma sociedade caracterizada por uma determinada cultura. É profundamente marcada pelo meio social em que se desenvolve, mas também o marca. Tem na família um ponto de referência fundamental.

A necessidade de se viver em grupo é uma exigência inata de todo ser humano, onde se é educado para agir segundo as regras sociais e internalizar os padrões culturais em que se vive. “A família constitui o primeiro lugar de toda e qualquer educação e assegura, por isso, a ligação entre o afetivo e o cognitivo, assim como a transmissão dos valores e das normas” (DELORS, 2001). Os pais desde cedo introduzem maneiras de se relacionar com as pessoas através de: respeito ao próximo, valores morais, princípios éticos, através de conduta já estabelecida pelo meio social a seus filhos. A partir desses ensinamentos, a criança começa compreender o seu papel no meio social, iniciando o processo de construção de sua cidadania.

Os profissionais da UMEI Aarão Reis reconhecem as crianças como cidadãos de direitos e deveres, indivíduos únicos, seres sociais e históricos, seres

competentes e produtores de cultura. Sujeitos que necessitam da educação escolar para transformar os saberes de sua experiência em conhecimentos essenciais para o usufruto de seus direitos. A criança vivenciará na escola desafios planejados que lhe possibilitará o exercício de habilidades mentais como observar, comparar, verbalizar hipóteses, elaborar pequenas conclusões, expressar descobertas e conhecimentos adquiridos anteriormente ao seu ingresso na escola.

Dessa forma, percebe-se e reconhece-se como de fundamental importância a parceria entre a família e a escola, visto que “(...) o desenvolvimento harmonioso das crianças implica uma complementaridade entre a educação escolar e a família” (DELORS, 2001).

O processo de desenvolvimento da criança

Desde o nascimento, o ser humano passa por várias fases de desenvolvimento. De modo geral, quando criança, ele desenvolve suas potencialidades, a linguagem, expande sua relação com o meio, vive a contradição, a partir dos jogos de imitação e simbolização que o permitem vivenciar conflitos que podem contribuir para afirmar seu “EU” e ganhar interesse pela vida social, conquistando assim o mundo.

Uma das primeiras capacidades construídas é a de simbolizar, o que representa um passo importante para o desenvolvimento do pensamento. A capacidade de conhecer e aprender se constrói a partir das trocas estabelecidas entre o sujeito e o meio. O fato da criança desde cedo se comunicar através de gestos, sons e mais tarde representar determinado papel na brincadeira faz com que desenvolva sua imaginação, pensamento e construa conhecimento.

A partir dessas vivências com o meio e interações com os sujeitos a criança busca compreender a realidade a sua volta elaborando hipóteses e explicações sobre os fenômenos naturais, sociais, históricos, etc. Ao considerar essas experiências da infância, a escola entende que a criança precisa: brincar para

crescer; do jogo como forma de equilíbrio com o mundo; do faz-de-conta como fonte de “amadurecimento” e; manifestar e desenvolver sua sexualidade.

Na UMEI Aarão Reis considera-se a criança enquanto ser afetivo e em formação, livre para pensar e usar suas múltiplas linguagens. Um ser com necessidades físicas e emocionais para o fortalecimento da auto-estima. E é nesse momento, enquanto criança, que os vínculos afetivos contribuem para o desenvolvimento pleno da personalidade.

O processo de aprendizagem da criança

As crianças possuem uma natureza singular, e se caracterizam como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio. Através das interações que estabelecem com as pessoas e com o meio que as circundam, as crianças revelam o seu esforço para compreenderem o mundo em que vivem e, por meio das brincadeiras, revelam as condições de vida a que estão submetidas, seus anseios e desejos.

As crianças constroem o conhecimento a partir das interações que estabelecem com as pessoas e o meio em que vivem. O conhecimento não se constitui em cópia da realidade, mas sim, representação, fruto de um intenso trabalho de criação, significação e ressignificação.

Dessa forma, na UMEI Aarão Reis, busca-se a partir da ação dialógica escutar e dar espaço para que a criança possa manifestar esse conhecimento prévio oriundo do senso comum, que será reelaborado para atingir níveis mais complexos de compreensão. Desse modo, o processo de aprendizagem é oportunizando a partir de situações de observação, experiência e argumentação para que esse conhecimento prévio possa ser reestruturado de modo a alcançar a compreensão científica dos fenômenos.

Na UMEI Aarão Reis adota-se a concepção de que a Educação Infantil deve atender às necessidades psicossociais da criança criando as condições mais adequadas para o desenvolvimento harmonioso de seus aspectos físicos, sócio-

emocionais e cognitivos. O desejo implícito nessa concepção é que as crianças aprendam, sendo elas próprias o sujeito da aprendizagem. Todas podem se desenvolver se tiverem oportunidade de aprender a aprender; é um processo pessoal, intransferível e contínuo e cada um tem que desenvolvê-lo de acordo com as possibilidades na relação com o processo escolar.

CARACTERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO A SER ATENDIDA E DA COMUNIDADE NA QUAL SE INSERE

O bairro e sua infra-estrutura

A UMEI Aarão Reis está situada no bairro Aarão Reis e atende crianças de zero a cinco anos e oito meses em período integral e parcial. O bairro é antigo, tipicamente residencial, localizado na região norte de Belo Horizonte. Suas ruas são, em sua maioria pavimentadas, têm saneamento básico e o bairro possui um posto de saúde com atendimento odontológico.

É perceptível a valorização da região após a construção da Via 240, que muito contribuiu para o acesso ao bairro e adjacências. Possui várias linhas de transportes coletivos, incluindo integração ao metrô.

O bairro possui uma escola estadual que atende às séries iniciais do Ensino Fundamental. Já os anos finais do Ensino Fundamental e o Ensino Médio são oferecidos por escolas dos bairros vizinhos, que são próximas e de fácil acesso, evitando assim a falta de atendimento. A Educação Infantil é atendida pela UMEI Aarão Reis, que atua desde março de 2005, tendo como escola núcleo a E. M. Hélio Pellegrino, localizada no bairro Guarani, a qual oferece o Ensino Fundamental completo e Educação de Jovens e Adultos.

As famílias atendidas

De acordo com o levantamento de dados realizado através da *Ficha Individual da Criança – Educação Infantil* e *Ficha de Inscrição para Educação Infantil*, constatou-se que as famílias seguem em sua maioria, as religiões evangélica e católica. No entanto, as práticas pedagógicas devem atender a propósitos de uma

escola laica, que vise à diversidade cultural e religiosa. A etnia predominante das famílias e crianças é parda, existindo ainda as etnias negra e branca.

Os sujeitos atuam em profissões variadas, havendo destaque na prestação de serviços em empregos não formais, sem vínculo empregatício e a renda familiar oscila entre um a quatro salários mínimos. As famílias são compostas geralmente, por no mínimo cinco pessoas (pais, avós, tios, irmão, madrastas, padrastos.). A escolaridade dos mesmos é na maioria Ensino Fundamental ou Médio incompleto.

ORGANIZAÇÃO E DINÂMICA DO COTIDIANO DO TRABALHO

Funcionários responsáveis pelo funcionamento da instituição

A UMEI Aarão Reis possui um quadro de funcionários formado por 31 (trinta e uma) educadoras, 2 (duas) coordenadoras, 1 (uma) vice-diretora, 1 (uma) auxiliar de secretaria, 10 (dez) auxiliares de serviços, 1 (um) guarda municipal, 2 (dois) porteiros, 2 (dois) vigias noturnos. Os porteiros e vigias trabalham em regime de doze por trinta e seis horas.

Responsabilidades e atribuições dos funcionários para a organização do trabalho da instituição

A atuação dos envolvidos no funcionamento da UMEI Aarão Reis é de extrema importância para que a ação coletiva na escola aconteça. A articulação dos diversos segmentos de funcionários dá sustentação e efetiva o projeto político pedagógico. Essa harmonia é o princípio que promove a transformação da escola em espaço de formação integral e permanente para toda a comunidade escolar, evidenciando a criança.

Compete à vice-diretora:

- Coordenar junto com os profissionais da escola a construção de um currículo voltado para a inclusão social;
- Assegurar a unidade do grupo de trabalho para o atendimento das necessidades dos alunos;

- Conhecer e buscar os projetos culturais da comunidade integrando-os aos projetos de trabalhos da UMEI;
- Avaliar, promover e reordenar os projetos de trabalho em andamento;
- Discutir e analisar as condições de trabalho dos profissionais de ensino, valorizando o trabalho da equipe;
- Organizar, planejar, desenvolver e avaliar ações de formação para o corpo docente em horários de ACPATE e Reuniões Pedagógicas;
- Participar de reuniões e de formações promovidas pela SMED/GCPF/GERED e outras instâncias;
- Articular a secretaria da escola com as instâncias pedagógicas, socializando informações sobre documentação de alunos, acesso a documentos e relatórios sobre a vida escolar dos alunos;
- Desenvolver ações junto à família e aos alunos para garantir a frequência regular;
- Encaminhar e acompanhar junto a órgãos competentes casos de abusos, violação de direitos e negligências com os alunos;
- Planejar os recursos necessários para o desenvolvimento dos trabalhos/projetos;
- Assegurar no trabalho cotidiano junto aos professores(as) o uso e retomada dos registros do processo vivenciado pelos educandos(as) para novos planejamentos;
- Construir estratégias, junto com o coletivo da escola, para organização da substituição na falta de algum professor, para que seja garantida a continuidade do processo de formação dos educandos sem rupturas, repetições ou atividades desconectadas à proposta pedagógica da UMEI;
- Planejar todo o trabalho escolar;
- Representar a escola perante órgãos da administração municipal;
- Substituir o diretor em suas faltas e impedimentos eventuais;
- Compreender a ação pedagógica para possibilitar o trabalho da coordenação;
- Articular o apoio administrativo para dar sustentação ao desenvolvimento das propostas pedagógicas;

- Estabelecer reuniões sistemáticas de toda equipe de coordenação da escola;
- Discutir as demandas e as divergências;
- Distribuir tarefas;
- Contribuir de maneira efetiva para o alcance dos objetivos pedagógicos propostos no PPP da escola;
- Cumprir e fazer cumprir as determinações emanadas dos órgãos competentes;
- Coordenar e supervisionar todas as atividades administrativas e pedagógicas da Escola;
- Velar pela fiel observância do regime disciplinar;
- Promover o bom relacionamento entre todo o pessoal da escola;
- Favorecer a integração da escola com a comunidade, através de mútua cooperação, na realização das atividades de caráter cívico social e cultural;
- Controlar a chegada e saída de todo pessoal da escola em seu horário de trabalho;
- Coordenar a manutenção da limpeza, elaborando horário de trabalho e atribuições dos auxiliares de serviços gerais, supervisionando-os na execução de suas tarefas;
- Convocar reuniões com o corpo funcional e docente, quando se fizer necessário;
- Executar outras tarefas correlatas.

Compete à coordenadora:

- Encaminhar as discussões pedagógicas, planejando, orientando, articulando e avaliando os projetos de trabalho de cada ciclo de formação;
- Organizar, junto com o grupo de trabalho, as enturmações;
- Organizar os tempos dos professores no coletivo do ciclo, assegurando o processo de formação, planejamento e registros das ações, bem como substituição de professores;
- Articular os projetos pedagógicos desenvolvidos pelos professores e acompanhar o desenvolvimento do trabalho em sala de aula;

- Acompanhar e analisar o processo de aprendizagem dos alunos, suas dificuldades e propor as intervenções pedagógicas necessárias;
- Propor e incentivar vivências de outros espaços de aprendizagem, de acordo com os projetos de trabalho, divulgando e organizando os eventos;
- Apresentar e discutir com as famílias as questões referentes aos aspectos pedagógicos e de desenvolvimento dos alunos;
- Serviços de mecanografia;
- Atender a comunidade escolar com competência, educação e qualidade.

Compete ao educador:

- Reconhecer as crianças como cidadãs de direitos e deveres;
- Executar atividades baseadas no conhecimento científico acerca do desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos e 8 (oito) meses, consignadas na proposta político pedagógica;
- Organizar tempos e espaços que privilegiem o brincar como forma de expressão, pensamento e interação;
- Desenvolver atividades objetivando o educar e o cuidar como eixo norteador do desenvolvimento infantil;
- Assegurar que a criança matriculada na educação infantil tenha suas necessidades básicas de higiene, alimentação e repouso atendidas de forma adequada;
- Propiciar situações em que a criança possa construir sua autonomia;
- Implementar atividades que valorizem a diversidade sócio-cultural da comunidade atendida e ampliar o acesso aos bens sócio-culturais e artísticos disponíveis;
- Elaborar e executar suas atividades pautando-se no respeito à dignidade, aos direitos e às especificidades da criança de até 5 (cinco) anos e 8 (oito) meses, em suas diferenças individuais, sociais, econômicas, culturais, étnicas, religiosas, sem discriminação alguma;
- Colaborar e participar de atividades que envolvam a comunidade;
- Colaborar no envolvimento dos pais ou de quem os substitua no processo de desenvolvimento infantil;

- Interagir com demais profissionais da UMEI, para construção coletiva do projeto político pedagógico;
- Conhecer as especificidades e necessidades desta faixa etária;
- Reconhecer criança como sujeito competente, que possui conhecimentos e experiências que devem orientar o trabalho pedagógico;
- Perceber, compreender e significar as ações das crianças;
- Atentar para observação, avaliação e registro;
- Reconhecer a família como parceira no cuidado e educação das crianças;
- Compreender e trabalhar com as diferenças;
- Ser um profissional investigador e pesquisador;
- Planejar e encaminhar a avaliação processual de modo a permitir o acompanhamento da aprendizagem dos alunos;
- Registrar os atrasos na chegada das crianças;
- Refletir e avaliar sua prática profissional, buscando aperfeiçoá-la;
- Comparecer pontual e assiduamente à escola, mantendo em todos os ambientes e em sala de aula a ordem e a disciplina, comprometendo-se com os processos pedagógicos;
- Elaborar e executar o planejamento pedagógico contemplando o conteúdo dos Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil;
- Comunicar à vice-direção e/ou ao coordenador pedagógico, bem como à família do aluno (através do registro na agenda individual da criança), os incidentes que, pela sua gravidade, requeiram providências especiais;
- Registrar por escrito na agenda individual do aluno todas as informações sobre o dia-a-dia escolar do aluno do turno integral;
- Entregar, pontualmente, relatórios e materiais pedagógicos solicitados;
- Tratar com urbanidade e respeito os colegas de trabalho e os alunos;
- Zelar pelo patrimônio da escola, particularmente de sua área de atuação, preocupando-se pela conservação e organização de bens e pelo uso do material colocado à sua disposição;
- Guardar sigilo sobre assuntos reservados que envolvam ou possam envolver pessoas e autoridades nos planos administrativos e pedagógicos;

- Desenvolver suas atividades de acordo com a programação aprovada e empenhando-se pela constante qualificação ao processo ensino-aprendizagem;
- Cooperar com os superiores imediatos na solução de problemas da administração da escola;
- Manter em dia a escrituração escolar nos diários de classe;
- Apresentar nos prazos hábeis todas as escritas escolares sob sua responsabilidade;
- Participar, colaborar na organização e execução de atividades de caráter cívico, social e cultural, promovidos pelo seu centro de trabalho, orientando, incentivando e, quando necessário, acompanhando a sua turma;
- Cumprir e fazer cumprir os horários, cronogramas e calendários escolares;
- Desenvolver o espírito de cooperação e solidariedade, integrando-se na vida da escola e da comunidade;
- Avisar, com antecedência, sempre que possível, quando não puder cumprir seu horário de trabalho e, deixar sempre uma atividade para ser aplicada nas turmas com a coordenação. (Apresentar atestado médico, quando a falta for por motivo de doença. A partir do segundo atestado do mês ou quando o atestado for de mais de um dia, esse deve ser apresentado a perícia médica, que pode ser agendada pelos telefones: 3277-9441 / 3277-9440 / 3277-9439);
- Solicitar, previamente, à coordenação, o uso de espaço físico ou qualquer recurso extra a ser utilizado em suas aulas;
- Orientar especificamente alunos com dificuldades;
- Solicitar à coordenação a presença dos pais à escola, quando necessário, bem como atendê-los, quando solicitado;
- Aguardar em sala, juntamente com os alunos, a liberação por parte da coordenação, para a saída da escola fora do horário habitual;
- Desincumbir-se de outras tarefas específicas que lhe forem atribuídas;
- Participar dos momentos de formação criados pela escola e proporcionados pela SMED/GERED.

Compete ao auxiliar de secretaria:

- Participar da elaboração do planejamento dos trabalhos de secretaria da UMEI junto com o Secretário Escolar e a Direção;
- Executar as tarefas necessárias à consecução dos objetivos do planejamento dos trabalhos de secretaria, coordenadas pelo Secretário Escolar ou pela Direção;
- Atender a comunidade escolar prestando-lhes informações e expedindo documentos da escrituração escolar;
- Efetivar a escrituração e registros escolares, mantendo-os atualizados e ordenados, garantindo a sua fidedignidade e o seu adequado arquivamento;
- Colaborar em programações que promovam a agilização de serviço interno e externo, organização e manutenção dos arquivos, bem como da informatização dos trabalhos da secretaria;
- Utilizar com zelo o material da secretaria, guardando-o e mantendo-o em condições de utilização permanente;
- Manter sigilo em relação à documentação dos alunos e dos profissionais da UMEI, primando pela ética em todos os procedimentos da secretaria;
- Participar dos cursos de atualização e aperfeiçoamento promovidos pelos órgãos de formação da Prefeitura de Belo Horizonte;
- Organizar a documentação de modo a permitir a verificação da qualificação profissional do corpo de direção, coordenadores e docentes;
- Elaborar relatórios relacionados à freqüência dos alunos e correspondências;
- Atualizar-se quanto à legislação escolar;
- Atender às solicitações dos órgãos competentes no que se refere ao fornecimento de dados relativos ao estabelecimento;
- Manter atualizada toda documentação do estabelecimento sob sua responsabilidade;
- Atender a comunidade escolar com competência, educação e qualidade;
- Desincumbir-se de outras tarefas específicas que lhes forem atribuídas, necessárias à boa prestação dos serviços educacionais.

Compete a auxiliar de escola:

- Coordenar as auxiliares de serviços;
- Receber os gêneros de alimentação e limpeza;
- Controlar a merenda;
- Observar o cardápio de merenda e adequação dos alimentos recebidos pela UMEI;
- Controlar e distribuir os materiais de limpeza;
- Realizar entrada dos alunos (recepção no portão e encaminhamentos);
- Realizar serviços de mecanografia.

Auxiliar de serviços gerais

Os serviços de higiene, limpeza e conservação do prédio da UMEI Aarão Reis são realizados pelos auxiliares de serviços. Cada funcionário se responsabiliza por parte dos serviços. A divisão do trabalho é estabelecida pela vice-direção da UMEI.

Compete a auxiliar de serviços gerais:

- Usar condignamente uniforme próprio do trabalho;
- Varrer pátios, quadra, parquinhos, salas e corredores;
- Limpar pó das carteiras e móveis;
- Limpar bebedouros e pias;
- Limpar instalações sanitárias;
- Limpar com pano úmido e/ou lavagem dos pisos das instalações;
- Recolher os lixos e coloca-los em local adequado, bem como de sua liberação;
- Ordenar as carteiras e móveis;
- Comunicar à vice-direção sobre entupimentos de pias, vasos e ralos, vazamento em válvulas e chuveiros, lâmpadas e chuveiros queimados, e defeitos na rede elétrica;
- Limpar as portas, vidraças, janelas, cantos, tetos e paredes;
- Lavar as salas e ambientes azulejados;

- Executar serviços de lavanderia, lavando e passando as roupas de cama e banho do turno integral, aventais das educadoras, roupas de empréstimo às crianças, panos de limpeza, etc;
- Limpar os materiais e brinquedos;
- Organizar os colchões com lençóis para a “hora do sono” dos alunos do integral;
- Arrumar os berços;
- Auxiliar a distribuição dos alimentos no refeitório;
- Limpar e repor os materiais do fraldário;
- Solicitar os materiais necessários à execução de suas atividades;
- Atender aos alunos e demais funcionários com competência, educação e qualidade.

Compete a auxiliar de cozinha:

- Usar condignamente o uniforme próprio do trabalho;
- Receber, conferir, avaliar e armazenar os alimentos enviados à instituição pela prefeitura municipal;
- Preparar e servir as refeições diárias dos alunos;
- Seguir o cardápio diário enviado pela acompanhante de merenda escolar;
- Limpar e conservar os utensílios e espaço da cozinha, lactário e despensa;
- Preparar a alimentação exclusiva do berçário (mamadeiras, papinhas, etc);
- Esterilizar diariamente os utensílios do berçário (mamadeiras e bicos);
- Solicitar os materiais necessários à execução de suas atividades.
- Atender aos alunos e demais funcionários com competência, educação e qualidade.

Porteiro

A portaria é um setor de recepção. O porteiro deve ter atenção e atitudes que de fato realizem na Unidade os necessários serviços de recepção, orientação, comunicação, controle e vigilância.

Compete ao porteiro:

- Usar condignamente o uniforme próprio do trabalho;
- Abrir o portão nos horários de entrada e saída dos turnos;
- Encaminhar e acompanhar os pais e/ou responsáveis pelas crianças à vice-direção e/ou coordenação em casos de atrasos superiores à tolerância na entrada dos turnos;
- Tratar todas as pessoas com respeito e objetividade;
- Autorizar e observar atentamente a entrada de pessoas e sua movimentação no recinto;
- Evitar aglomerações e encaminhar providência para a ordem do local;
- Receber e encaminhar devidamente comunicações ou notícias vindas do exterior;
- Encaminhar e acompanhar as pessoas para o devido atendimento;
- Receber toda correspondência encaminhado-a diretamente a secretaria escola;
- Vigiar e controlar a entrada e saída de alunos e pais;
- Atender aos alunos e demais funcionários com competência, educação e qualidade.
- Manter o portão trancado, exceto nos horários de entrada e saída dos turnos;
- Manter-se junto ao portão.

Compete ao vigia noturno:

- Usar condignamente o uniforme próprio do trabalho;
- Zelar pela segurança noturna do prédio da UMEI Aarão Reis;
- Acionar e desligar o alarme noturno de segurança;

- Registrar eventuais acontecimentos que ocorram durante o turno de trabalho;
- Solicitar o emprego da Força Pública Estadual e/ou Municipal em situação de anormalidade.

Guarda municipal

Tem a função de preservar o patrimônio do município, ao garantir a segurança de servidores e cidadãos usuários em instalações e serviços municipais, no caso a UMEI Aarão Reis.

Compete ao guarda municipal:

- Proteger a escola enquanto patrimônio público;
- Exercer a atividade de orientação e proteção dos funcionários e usuários da UMEI Aarão Reis;
- Garantir a preservação da segurança e da ordem da instituição;
- Atuar com prudência, firmeza e efetividade, na sua área de responsabilidade, visando ao restabelecimento da situação de normalidade, precedendo eventual emprego da Força Pública Estadual;
- Zelar pela guarda e conservação dos materiais e equipamentos de trabalho e do patrimônio da instituição;
- Ter iniciativa e contribuir para o bom funcionamento da unidade escolar;
- Ser leal à instituição;
- Tratar com zelo e urbanidade a comunidade escolar.

Parâmetros de organização de grupos de crianças e a relação professor/criança

A UMEI atende a 14 (quatorze) turmas de Educação Infantil, que se dividem em quatro turmas no período integral, cinco turmas no parcial pela manhã e mais cinco turmas no parcial à tarde. Salientamos que o berçário funciona no mesmo espaço para atender às duas turmas.

TURMA	FAIXA ETÁRIA	Nº DE CRIANÇAS	Nº DE EDUCADORAS	ÁREA DA SALA(M2)	ATENDIMENTO
Berçário	0 a 1 ano	06	01	37,67	Integral
Berçário	0 a 1 ano	06	01	37,67	Integral
Sala 1	1 a 2 anos	12	02	28,05	Integral
Sala 2	2 a 3 anos	16	02	28,05	Integral
Sala 3	3 a 4 anos	20	01	27,22	Parcial (manhã/tarde)
Sala 4	4 a 5 anos	20	01	27,22	Parcial (manhã/tarde)
Sala 5	4 a 5 anos	20	01	27,22	Parcial (manhã/tarde)
Sala 6	5 a 5 anos e 8 meses	25	01	27,22	Parcial (manhã/tarde)
Sala 7	5 a 5 anos e 8 meses	25	01	27,22	Parcial (manhã/tarde)

Devido à demanda do atendimento a comunidade, em alguns anos torna-se necessário a enturmação com agrupamento flexível. São agrupadas crianças com um ano de idade de diferença em uma mesma sala, devendo prevalecer às crianças com mais idade em maior número de alunos.

Na UMEI Aarão Reis a criança é concebida como sujeito ativo, protagonista do processo de aprendizagem que troca informações e constrói hipóteses, investiga, categoriza e organiza normas e limites. Desse modo, adota-se na UMEI Aarão Reis a prática da convivência e interação das crianças com seus pares de idade e de idades diferenciadas. O professor deve intervir e atuar como mediador nessas interações para ampliar a construção do conhecimento.

Espaço físico, instalações e equipamentos

A escola funciona em sede própria, e foi projetada de acordo com a idade das crianças que atende. Assim, a estrutura física da UMEI Aarão Reis, possui um espaço bem estruturado, dividido e equipado. O espaço físico que ela propicia

aos alunos é alegre, com muita área verde, limpo, organizado, agradável, e diversificado em seus ambientes, e é dividido em dois blocos interligados.

Sabe-se que para se obter uma educação de qualidade é necessário contar com uma estrutura física que possibilite um bom trabalho, um ambiente acolhedor para alunos, profissionais e pais, uma equipe administrativa pedagógica e um corpo docente competente que estejam sempre abertos a mudanças, a fim de que todos juntos possam alcançar a verdadeira função da educação.

Segue abaixo a composição dos espaços físicos, das instalações e dos equipamentos:

Cinco salas do parcial:

- Cadeiras e mesas tamanho infantil na quantidade de alunos, cadeira tamanho adulto, armários, prateleiras, quadro negro, painéis de feltro, lavabo, porta papel toalha, filtro, aparelho de som portátil (aguardando para serem instalados), caixas com brinquedos, grade proteção de porta, lixeira.

Duas salas do integral:

- Quatro cadeiras e uma mesa tamanho infantil, armários, prateleiras, quadro negro, quadro branco pequeno, painéis de feltro, lavabo, porta papel toalha, filtro, aparelho de som, caixas com brinquedos, cabideiros com tolhas, velotróis, colchonetes, grade proteção de porta, lixeira.

Berçário:

- Doze berços com colchões, dois sofás individuais, prateleiras, persiana, parede com vidro (que diminui os sons externos) com visualização para o fraldário.

Sala de atividades anexa ao berçário:

- Prateleiras, balcão, quadro branco, aparelho de som, lavabo, porta papel toalha, filtro, sofá de alvenaria, parede com vidro com vidro (que diminui os sons externos) com visualização para o lactário, caixas com brinquedos,

toca de bolina, tapetes acolchoados e de EVA, dez carrinhos de bebês, lixeira.

Área externa anexa a sala de atividades:

- Cavalinhos de balanço, castelinho com escorregador.

Fraldário:

- Balcão com colchonete, armários, banheiras, tanque, prateleira, espelho, chuveiro, porta sabonete, porta shampoo, porta papel toalha, descartador de fraldas, descartador de fezes, cabideiros com tolhas, produtos de higiene e segurança a saúde dos bebês e educadoras.

Lactário:

- Fogão, geladeira, armários, pia dupla, lixeira, balcão, utensílios de cozinha, utensílios específicos para os bebês.

Espaço adaptado próximo ao lactário:

- Dez cadeiras de alimentação, duas cadeiras infantis.

Corredor interno:

- Quatro armários com escaninhos, armário com balcão, dois armários embutidos de uso escolar (papéis, colas, grampos, tintas, etc).

Sala dos professores:

- Mesa de reunião, cadeiras, fotocopiadora, duplicadora, dois computadores, painel azulejado, circulador de ar.

Sala Multiuso:

- Armários embutidos, armário de aço, parede espelhada, lavabo, filtro, porta papel toalha, circuito de espuma, túneis de lona, livros, duas televisões, dois aparelhos de DVD, aparelho de vídeo, fitas de vídeos, DVDs, fantoches, fantasias, jogos pedagógicos, caixa com brinquedos diversos,

toca com bolinhas, documentos escolares arquivados, amplificador de som.

Banheiros dos alunos do integral:

- Banheiro feminino: pia com dois bojos, espelho, porta sabonete, porta shampoo, porta papel toalha, porta papel higiênico, dois vasos sanitários infantis individualizados por paredes e portas, dois chuveiros individualizados por paredes, tapetes antiderrapantes, banco de alvenaria forrado com tapete antiderrapante.
- Banheiro masculino: pia com dois bojos, espelho, porta sabonete, porta shampoo, porta papel toalha, porta papel higiênico, dois vasos sanitários infantis individualizados por paredes e portas, dois chuveiros individualizados por paredes, tapetes antiderrapantes, banco de alvenaria forrado com tapete antiderrapante.

Secretaria:

- Dois arquivos, balcão, computador, telefone/fax, lixeira, quadro de chaves, acionador do alarme de segurança, banner da UMEI, máquina de plastificação.

Diretoria:

- Mesas, cadeiras, armários, computador, servidor da rede de computadores, utensílios de escritório, filmadora, máquinas fotográficas, caixa de primeiros socorros, aparelho de som portátil, microfones, chaves reservas, documentos arquivados, impressora, quadro de cortiça, circulador de ar.

Saguão:

- Bebedouro, mesa grande, dois bancos, trio de cadeiras, mesa infantil com quatro cadeiras, três brinquedos aramados.

Banheiros dos funcionários:

- Banheiro feminino: lavabo, espelho, porta sabonete, porta papel toalha, porta papel higiênico, vaso sanitário, barra de apoio para deficiente físico, assento para deficiente físico, lixeira.
- Banheiro masculino: lavabo, espelho, porta sabonete, porta papel toalha, porta papel higiênico, vaso sanitário, lixeira.

Área de serviço:

- Armários, tanques, balcão, máquina de lavar roupa, varal, ferro de passar roupa, materiais de higiene, vestuário infantil para empréstimo, roupas de cama, mesa e banho, vassouras, rodos, utensílios de lavanderia.
- Vestiário e banheiro: armários com escaninhos, prateleiras de aço, lavabo, espelho, porta papel toalha, porta sabonete, porta papel higiênico, vaso sanitário, chuveiro.

Dispensa:

- Geladeira, freezer, prateleiras, alimentos armazenados.

Cozinha:

- Fogão industrial, prateleiras, mesa, pias, balcão, utensílios de cozinha, parede com janela anexa ao refeitório para distribuição dos alimentos, lixeira, mini-sala anexa para armazenamento de vasilhames.

Refeitório:

- Cinco mesas grandes, dez bancos, lavabo, porta sabonete, porta papel toalha, bebedouros, mesa de apoio, lixeira.

Almoxarifado:

- Prateleiras, materiais de limpeza, utensílios para limpeza.

Área externa:

- Próxima às salas do integral: Cercas de ferro, árvore, flores, corredor dividido com portões de grade, acesso as salas 1 e 2 do integral, à sala de multiuso e ao almoxarifado, brinquedo - castelo de plástico grande com escorregador.
- Parquinho 1: grandes bancos de alvenaria, casinha de madeira e cordas com escorregador e subida em cordas, castelo de plástico grande com escorregador, espaço azulejado próprio para banho de verão, jardim,

árvores, área gramada, lixeira, depósito de gás de cozinha, acesso à área de serviços, à cozinha, ao subsolo onde ocorre a distribuição de água da UMEI, ao portão e ao pátio em frente às salas do parcial.

- Pátio em frente às salas do parcial: corredor de acesso às salas do parcial e aos banheiros infantis, feminino e masculino do parcial, muro azulejado para pintura, espaço de acomodação dos velotróis, casinha de alvenaria, área livre cimentada, jardins, árvores, lixeiras de coleta seletiva, bebedouros, acesso ao refeitório e ao corredor interno, portão de entrada.
- Próxima às salas do parcial: corredor de acesso às salas do parcial por trás, duas pequenas salas que funcionam como depósito para mobiliário estragado, rampa de acesso ao parquinho 2.
- Parquinho 2: mini-arena de teatro, mini-quadra, banco de alvenaria, brinquedos de plástico – trave de gol e cesto de basquete, bebedouro, árvores, grande área gramada, postes de iluminação e uma torneira.

Banheiros dos alunos do parcial:

- Banheiro feminino: pia com dois bojos, espelho, porta sabonete, porta papel toalha, porta papel higiênico, dois vasos sanitários infantis individualizados por paredes e portas; vestiário individualizado por paredes e porta com encanamento para chuveiro e banco de alvenaria; banheiro adequado para deficientes físico: vaso sanitário individualizado por paredes e porta, lavabo, espelho, porta sabonete, porta papel toalha, porta papel higiênico, barra de apoio para deficiente físico, assento para deficiente físico.
- Banheiro masculino: pia com dois bojos, espelho, porta sabonete, porta papel toalha, porta papel higiênico, dois vasos sanitários infantis individualizados por paredes e portas; vestiário individualizado por paredes e porta com encanamento para chuveiro e banco de alvenaria; banheiro adequado para deficientes físico: vaso sanitário individualizado por paredes e porta, lavabo, espelho, porta sabonete, porta papel toalha, porta papel higiênico, barra de apoio para deficiente físico, assento para deficiente físico.

REGIME DE FUNCIONAMENTO A ROTINA DA UMEI

A UMEI Aarão Reis percebe a rotina como uma estrutura sobre a qual está organizado o tempo de trabalho em prol do desenvolvimento das crianças e com as crianças. Um regime de funcionamento bem organizado permite que todos os profissionais envolvidos se sintam em condições de gerenciar suas práticas, organizando tempos e espaços. Bem como, uma rotina estruturada orienta a criança, fazendo com que se sinta mais segura, ajudando-a a desenvolver valores como responsabilidade, cooperação e disciplina, além de contribuir para estruturação do pensamento e a construção da noção espaço-temporal.

Os horários e atividades abaixo relatados constituem a organização geral do funcionamento da UMEI Aarão Reis:

6:00 horas:

- Início do turno de trabalho do porteiro;
- Saída do vigia noturno;
- Chegada de uma auxiliar de cozinha e duas auxiliares de serviços gerais.

7:00 horas:

- Chegada de mais duas auxiliares de serviços gerais;
- Chegada das educadoras e coordenadora do turno;
- Entrada das crianças do integral e parcial do 1º turno;
- Acolhida dos alunos do horário parcial no pátio interno, com música, pelas educadoras;
- Acolhida dos alunos do horário integral em suas respectivas salas, pelas educadoras.

7:15 horas:

- Término do horário de tolerância para entrada dos alunos;
- Início do café da manhã dos alunos. Acontece gradativamente, sendo as crianças menores servidas primeiro. O café é servido no refeitório, para onde as turmas se encaminham de duas a duas. O período de duração para cada turma é de 15 minutos, exceto o berçário, que recebe seu alimento na própria sala.

7:20 horas:

- Início de atendimento aos pais pela coordenação.

<p>8:00 horas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Chegada da vice-diretora; • Chegada da auxiliar de secretaria; • Início de atendimento externo de secretaria; • Chegada de duas auxiliares de cozinha; • Chegada do guarda municipal.
<p>8:30 horas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Chegada de duas educadoras do turno intermediário.
<p>9:00 horas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Chegada de três auxiliares de serviços gerais; • Horário em que os alunos do integral tomam suco ou comem uma fruta, na própria sala de aula.
<p>10:00 horas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Chegada de uma educadora do turno intermediário; • Início do almoço dos alunos. Acontece gradativamente, sendo as crianças menores servidas primeiro. O almoço é servido no refeitório, para onde as turmas se encaminham de duas a duas. O período de duração para cada turma é de 20 minutos, exceto o berçário, que recebe seu alimento em um espaço adaptado com cadeiras adequadas para alimentação dos bebês. Este espaço fica próximo à sala do berçário; • Após o almoço cada turma volta para a sala e faz a escovação dos dentes de cada criança.
<p>10:30 horas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Hora do sono. Início do descanso dos alunos das salas 1 e 2. Cada criança, em suas respectivas salas, se deita em um colchonete forrado com lençol individual. Esse momento é permeado com fundo musical para estimular a tranquilidade e o sono.
<p>11:10 horas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Abertura do portão para entrada dos pais. Esses se organizam em filas, próximos à sala de seu filho (a) para recebê-lo (la).
<p>11:20 horas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Saída dos alunos. A liberação dos alunos é feita mediante a apresentação da carteira individual de identificação de cada criança. Caso o responsável não apresente a carteira para a educadora, o mesmo é encaminhado à coordenação para que seja feito um registro de liberação, após a

confirmação de dados e informações, que autorize a retirada da criança.
11:30 horas: <ul style="list-style-type: none"> • Chegada de uma educadora do turno intermediário; • Saída das educadoras e coordenadora do turno.
12:00 horas: <ul style="list-style-type: none"> • Saída da vice-diretora para almoço; • Horário das crianças alunos do berçário tomarem suco.
12:30 horas: <ul style="list-style-type: none"> • Chegada de uma educadora do turno intermediário.
13:00 horas: <ul style="list-style-type: none"> • Chegada das educadoras e coordenadora do turno; • Entrada das crianças do parcial do 2º turno; • Acolhida dos alunos do horário parcial no pátio interno, com música, pelas educadoras; • Saída de duas educadoras do turno intermediário; • Saída de uma auxiliar de serviços gerais.
13:15 horas: <ul style="list-style-type: none"> • Término do horário de tolerância para entrada dos alunos.
13:20 horas: <ul style="list-style-type: none"> • Início de atendimento aos pais pela coordenação.
13:30 horas: <ul style="list-style-type: none"> • Início do lanche dos alunos. Acontece gradativamente, sendo as crianças menores servidas primeiro. O lanche é servido no refeitório, para onde as turmas se encaminham de duas a duas. O período de duração para cada turma é de 10 minutos, exceto o berçário, que recebe seu alimento na própria sala.
14:00 horas: <ul style="list-style-type: none"> • Retorno da vice-diretora; • Término do atendimento externo da secretaria; • Saída da auxiliar de secretaria.
14:30 horas:

<ul style="list-style-type: none"> • Saída de uma educadora do turno intermediário.
<p>15:00 horas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Saída de uma auxiliar de cozinha e duas auxiliares de serviços.
<p>15:40 horas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Início do jantar dos alunos. Acontece gradativamente, sendo as crianças menores servidas primeiro. O jantar é servido no refeitório, para onde as turmas se encaminham de duas a duas. O período de duração para cada turma é de 20 minutos, exceto o berçário, que recebe seu alimento em um espaço adaptado com cadeiras adequadas para alimentação dos bebês. Este espaço fica próximo à sala do berçário; • Após o jantar cada turma volta para a sala e faz a escovação dos dentes de cada criança.
<p>16:00 horas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Saída de um auxiliar de serviços gerais; • Saída de uma educadora do turno intermediário.
<p>17:00 horas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Saída de duas auxiliares de cozinha; • Saída de uma educadora do turno intermediário.
<p>17:10 horas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Abertura do portão para entrada dos pais. Esses se organizam em filas, próximos à sala de seu filho (a) para recebê-lo (la).
<p>17:20 horas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Saída dos alunos. A liberação dos alunos é feita mediante a apresentação da carteira individual de identificação de cada criança. Caso o responsável não apresente a carteira para a educadora, o mesmo é encaminhado à coordenação para que seja feito um registro de liberação, após a confirmação de dados e informações que autorize a retirada da criança.
<p>17:30 horas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Saída das educadoras e coordenadora do turno.
<p>18:00 horas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Encerramento do funcionamento da instituição; • Chegada do vigia noturno;

- Saída de três auxiliares de serviços gerais;
- Saída do guarda municipal;
- Saída do porteiro;
- Saída da vice-diretora.

Observação: Os funcionários com jornada de trabalho de oito horas por dia usufruem uma hora de almoço em horários alternados, exceto a vice-diretora e o guarda municipal que possuem duas horas de almoço, devido ao horário de entrada e saída.

Em cada turma faz-se necessária a construção de uma rotina mais específica, que leva em consideração a identidade de cada grupo e o planejamento da educadora. O aconselhável é que a rotina seja planejada com os alunos, no primeiro momento da aula, pois, quando se sabe o que o espera, ou o que vai fazer no dia, o aluno fica mais seguro e realiza melhor suas tarefas, podendo melhor avaliar cada uma. Uma rotina diária e uma rotina semanal contribuirão para uma melhor organização do planejamento do professor.

PROCESSO DE AVALIAÇÃO

“A avaliação precisa ser espelho e lâmpada, não apenas espelho. Precisa não apenas refletir a realidade, mas iluminá-la criando enfoques perspectivas, mostrando relações, atribuindo significado”.

(Dilvo Ristoff, 1995)

Procedimentos adotados na UMEI Aarão Reis

Observação

A observação de forma sistemática e/ou formal permite ao professor conhecer melhor seu aluno (nas dimensões cognitivas, afetivas, psicomotoras...) analisar seu desempenho nas atividades dentro e fora da sala de aula e compreender seus avanços e dificuldades, ajudando-o no processo de aprendizagem.

Registro É um processo fundamental que permite ao professor acompanhar o processo de desenvolvimento do aluno de maneira crítica e reflexiva. As formas de registro da UMEI Aarão Reis são:

Ficha avaliativa: é um instrumento que visa dar informações tanto para o aluno quanto para sua família do desenvolvimento apresentado pela criança no seu processo educativo, sob o ponto de vista de todas as pessoas envolvidas com o seu desenvolvimento. São inúmeros tópicos que descrevem o desenvolvimento esperado, que são marcados por siglas de acordo com a evolução de cada um. Este instrumento é preenchido pelos educadores, o qual é entregue à família nas reuniões de pais ao final de cada semestre e outra cópia é afixada no Diário de Classe.

Portfólio: outro instrumento avaliativo sugerido ao grupo de educadores da UMEI Aarão Reis. Pois, esse possibilita a construção de conhecimentos no processo ensino – aprendizagem. É uma forma diagnóstica e contínua de acompanhamento e avaliação de um trabalho desenvolvido, onde se pode verificar e problematizar hipóteses em variadas situações.

Diário de bordo: são anotações periódicas sobre acontecimentos significativos no cotidiano escolar de cada criança. Essas anotações são feitas pelas educadoras.

Caderno ou coletânea de atividades: é a coleta de exercícios e produções dos alunos, datadas e com algumas observações rápidas do professor. Essa coleta serve como referência histórica do desenvolvimento do aluno e do grupo.

Diário de Classe: é constituído de relatório inicial da turma, intenções educativas para o ano, freqüência, registro dos conteúdos disciplinares desenvolvidos ao longo do processo e a ficha individual.

Com a utilização desses instrumentos o processo avaliativo desempenha uma importante função, pois a observação constante permitirá melhor atuação do educador e do educando, a avaliação redimensiona objetivos e estratégias em relação aos conteúdos e ao educando que é nosso maior tesouro. Assim, o processo avaliativo será contínuo e deve exercer também função diagnóstica para o acompanhamento e desenvolvimento do aluno respeitando as diferenças individuais.

O atendimento à criança com deficiência

A inclusão social é realidade nas escolas regulares. Para o atendimento real destes alunos, o professor necessita, de acordo com o grau de deficiência da

criança, do apoio de outros profissionais que possam amparar, inserir mediante capacidade e direcionar essa criança nas atividades propostas. A interação do grupo de educadores que atende esse aluno é que viabilizará a avaliação do processo de aprendizagem. É claro que, dentro das capacidades possíveis, observando laudos médicos, inteirando-se com profissionais específicos é que será construída essa avaliação com suas individualidades. É partindo das potencialidades desses alunos que será feita a avaliação. Contando-se sempre com o apoio e orientação da família.

A participação da família no processo de avaliação

A escola deve reconhecer a importância da família na constituição do sujeito, sem, no entanto, considerá-la como única determinante dessa constituição. O trabalho junto às famílias deve questionar a atribuição das causas dos problemas e avanços na aprendizagem à dinâmica familiar.

A participação da família acontece durante todo o processo, tendo em vista que o acesso às salas de aula, as apresentações culturais, os atendimentos individuais e reuniões de pais são práticas reais que acontecem nessa instituição.

OBJETIVOS E PERIODICIDADE DAS REUNIÕES COM PAIS

Parte-se do princípio que família e escola dividem uma mesma tarefa em relação à criança: o educar. Portanto, esses dois ambientes devem assumir uma parceria estabelecendo um objetivo comum, que é o de formar uma pessoa melhor para a sociedade, um verdadeiro cidadão.

A equipe da UMEI Aarão Reis precisa conhecer a história da criança, a fim de intervir de forma adequada, pois a bagagem que a criança traz consigo influencia a sua forma de construir novos conhecimentos. A história da criança abrange o ambiente familiar, formas de relacionamento, valores, crenças, recursos disponíveis, entre outros aspectos. Dessa forma a participação da família na UMEI é considerada imprescindível como elemento enriquecedor do processo educativo.

A família também precisa ter acesso ao trabalho desenvolvido pela UMEI, para poder avaliá-la dentro de suas expectativas e objetivos e estabelecer uma conduta em relação ao filho, que seja harmoniosa nos dois ambientes. Essas “trocas” entre a UMEI e a família, a respeito de posturas e do trabalho realizado com a criança nos dois espaços, são muito importantes, pois ampliam o conhecimento sobre a criança e seu desenvolvimento, contextualizando educação.

Na UMEI, organizam-se espaços para que a interação família/escola aconteça, tendo sempre em vista o respeito aos limites e funções de cada segmento, e o compromisso de uma participação construtiva. Só assim, tem sido possível trabalhar e vencer as dificuldades intrínsecas a essa interação.

Para conseguir a incorporação dos pais como membros ativos do projeto educacional, trabalha-se em três planos:

Formação/informação:

Realiza-se através de uma ampla informação sobre todos os aspectos que se relacionam com a UMEI.

Logo que se inicia o ano letivo os pais são convocados para uma reunião informativa sobre questões administrativas, a concepção de educação infantil e o projeto educativo adotado pela UMEI Aarão Reis. Neste dia entrega-se o “kit escolar, a agenda escolar e a mochila”, que são enviados pela prefeitura, para proporcionar a todos os alunos melhores condições escolares. Os pais que quiserem podem realizar uma visita a todas as instalações da UMEI, para conhecimento do seu espaço físico, desde que acompanhado por um funcionário da equipe.

Depois que as turmas estão organizadas e as crianças integradas ao novo ambiente, são realizadas as reuniões de turmas, com a participação das educadoras e coordenadoras. Essas reuniões estão programadas no calendário pedagógico anual para o início e final de cada semestre, podendo acontecer

extraordinariamente em função das necessidades de cada turma ou de cada criança.

As reuniões têm como objetivo:

- Informar sobre os projetos que serão desenvolvidos, a metodologia que será empregada, as atividades que serão realizadas e a participação dos pais nessas atividades. Também são informadas as normas de funcionamento e a rotina diária.
- Avaliar as atividades anteriores e sua repercussão na família (no caso da primeira reunião do semestre se avalia o período de adaptação e busca conhecer as expectativas da família).

Intervenção/participação:

Os pais são convidados a participarem dos projetos pedagógicos, das excursões, eventos e festas da UMEI, contribuindo com suas presenças, experiências e conhecimentos.

A equipe pedagógica está construindo um projeto futuro que tem como objetivo principal promover periodicamente palestras sobre temas de educação, e realizar anualmente um encontro de pais e educadores, com a participação ativa da família.

Avaliação/reflexão:

A partir de uma participação efetiva no processo educativo de seus filhos, os pais têm condição de entender e avaliar com segurança o trabalho desenvolvido. Dessa forma, a avaliação feita pelos pais constitui um instrumento indispensável para o planejamento e a realização de novas experiências.

Compartilhar a educação do filho com a escola implica compartilhar os sucessos e dificuldades que se apresentam e, acima de tudo, transformar o trabalho em colaboração mútua. Sem dúvida, há que se diferenciar responsabilidades da escola e responsabilidades da família, mas os papéis só se construirão a partir do exercício cotidiano do dialogar.

O PLANO DE AÇÃO

INTRODUÇÃO:

Este **Plano de Ação** que aqui apresentamos, teve o seu início de formulação, durante a disciplina ACPP, ministrada pelo professor José Raimundo Lisboa da Costa. A disciplina Análise Crítica da Prática Pedagógica, ainda em andamento, se baseia em reflexões a partir dos memoriais escritos pelas cursistas do LASEB – Pós graduação especialização História da África “Lato sensu, FAE/UFMG iniciado em agosto de 2009, Maria Aparecida de Castro da Mata, Idéosa Alves do Carmo Cardoso e Edilene Lopes de Almeida, educadoras da Unidade Municipal de Educação Infantil/ UMEI Aarão Reis e Lílian Geralda de Oliveira educadora da Unidade Municipal de Educação Infantil/ UMEI Betinho.

O memorial, ponto de partida e chegada, da disciplina ACPP, é concebido como uma espécie de autobiografia formativa, configurando-se, portanto, como uma narrativa simultaneamente **histórica** e **reflexiva**, escrito sob a forma **descritiva, histórica, analítica, crítica e propositiva**. Ou seja, o memorial, como registro elaborado pelas cursistas, procurará dar conta dos **fatos** e **acontecimentos** que constituíram (e constituem) a trajetória acadêmica - profissional de seus autores.

Portanto, os **memoriais** dos cursistas serviram de referência para as reflexões que foram desenvolvidas e ainda a serem desenvolvidas. O nosso grupo passou pelo processo de reescrita dos memoriais e a partir da implementação deste **plano de ação**, as reflexões que estão sendo elaboradas em função das práticas pedagógicas, serão posteriormente, inseridas no memorial que ainda se encontra em elaboração contínua, até que encerre o curso.

JUSTIFICATIVA

Este **Plano de Ação** tem por objeto central lançar um olhar sobre a diversidade étnico-racial brasileira. Vale ressaltar que a desigualdade não se reflete apenas nos indicadores sociais ou nos desníveis de renda: essa é a expressão mais

evidente e uma discriminação mais profunda: a desvalorização, desumanização e desqualificação, ou no reconhecimento simbólico das tradições, saberes e fazeres do povo afro-descendente.

Acreditamos na formação e educação das crianças como agente transformador da sociedade, portanto, nosso papel principal é possibilitar que se tornem cidadãos plenos no exercício de sua cidadania, na construção de uma sociedade melhor.

Portanto, este **Plano de Ação** se justifica, pelo fato de nos comprometermos com determinados encaminhamentos reflexivos que buscarão valorizar as especificidades inerentes às diversas etnias; estimulam a percepção do coletivo de alunos (as) em relação às diferenças físicas existentes entre as pessoas e o respeito de uns pelos outros, independentemente do grupo étnico a que cada um pertença, proporcionaram às crianças informações sócio-culturais que lhes possibilitem ter um conhecimento da nossa história, valorizando sua identidade cultural, qualificando o exercício de uma cidadania crítica e combativa, que seja exercida não só para direitos, mas também para deveres na constituição de uma sociedade mas justa, digna e igualitária.

OBJETIVOS:

Geral:

Apresentar a Lei 10.639/03, propondo metodologias para sua divulgação e implementação no espaço da educação.

Específicos:

- Propor novos valores e conhecimentos acerca da cultura afro-brasileira, refletindo e desconstruindo preconceitos culturais/raciais.
- Valorização do negro enquanto cidadão.
- Refletir sobre a diversidade cultural brasileira.
- Construir identidades raciais e de gêneros positivas.
- Estimular o respeito às diferenças.

- Desmistificar o conhecimento acerca da história da África e suas contribuições para o Brasil.

DESENVOLVIMENTO\METODOLOGIA

Levantando as dúvidas

Na escola começamos a sondar o que nossas colegas de trabalho sabiam sobre a lei 10.639/03. Nesse momento percebemos que somente uma minoria sabiam e se interessavam por esta temática e a trabalhava em sala. Pensamos então, que para diagnosticar, quantificar e sistematizar essa impressão inicial, seria necessário um levantamento investigativo junto aos educadores.

Elaboramos portanto, com o auxílio do nosso orientador uma questionário o qual aplicamos a quinze educadores, que visou sondar as formas e os níveis de implantação da lei 10.639/03 nas aulas dos professores de 1º e 2º ciclos da Educação Infantil da Prefeitura de Belo Horizonte.

A pesquisa contém as seguintes questões:

- Em sua escola há um Projeto Político Pedagógico (PPP)? Como foi a sua construção? Qual o seu eixo central?
- Em sua escola há algum movimento de inclusão da temática História da África e Cultura afro-brasileira nas práticas em sala de aula? Sim? Não? Em termos? Justifique sua resposta.
- Relativamente à questão “B”, em que caso afirmativo (inclusão) é possível dizer que ela se faz de modo a contemplar os princípios norteadores da lei 10.639/03?
- Descrever e analisar como você percebe o discurso e as práticas dos diversos professores de sua escola, no que se refere à inclusão da História da África e cultura afro-brasileira e africana no currículo da rede municipal de educação.
- Identificar, descrever e analisar, nos discursos e nas práticas dos professores e gestores das escolas, as percepções por eles elaboradas,

referentes à institucionalização da obrigatoriedade de inserção de História da África e cultura afro-brasileira e africana no currículo escolar.

- Quais as dificuldades e as possibilidades de se desenvolver experiências significativas no trabalho sobre a questão racial na sua escola?
- Uma situação é a militância do Movimento Negro, e outra mais específica, é o trato pedagógico das relações raciais em sala de aula. Quais as ações e características de cada uma das situações, suas contribuições e seus pontos comuns?

Dez questionários foram aplicados na UMEI Aarão Reis e cinco foram aplicadas na UMEI Betinho. Para facilitar o nosso trabalho, fizemos a leitura, análise e interpretação do conjunto das respostas, relativas à cada questão do questionário. Tendo como referências básicas as reflexões desenvolvidas pelos professores, chegamos a seguinte conclusão:

ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA:

Podemos perceber que na UMEI Aarão Reis existe uma Proposta política Pedagógica que o eixo central do projeto é a criança, como ser total, com direitos, deveres e membro de uma comunidade. Ela se encontra em fase de construção e conta com a participação de todo coletivo da escola.

Apesar de há sete anos, a História da África e Culturas afro-brasileira ter se tornado obrigatório na matriz curricular das escolas de nível fundamental e médio públicas e privadas, podemos perceber que a lei 10.639/03 não é do conhecimento de todos e que o Projeto Político Pedagógico da escola não contempla os princípios norteadores da referida lei. Algumas atitudes isoladas, praticadas pelos professores, contemplam a inclusão da diversidade na educação, seja ela de gênero, etnia, religião, nacionalidade, raça, classe socioeconômica ou cultural.

Percebemos que as práticas dos professores permitem despertar o respeito mútuo, bases fundamentais para a consolidação de uma sociedade mais justa. Na

UMEI Betinho podemos perceber que o Projeto Político Pedagógico da escola ainda não foi construído ou consolidado, além de não fazer parte do conhecimento das educadoras, o seu processo de construção. Algumas práticas contemplam a diversidade e as dificuldades em trabalhar com a lei 10.639/03 foi citada, pela grande maioria, por não conhecer a mesma.

Com base nas pesquisas, podemos concluir que falta aos professores, além de desejos, posturas e valores individuais (preconceitos e discriminações) materialidade que dificultam o sucesso da implementação da lei.

Observa-se que a incorporação da temática nos cursos de graduação, pode ser, entre outros, um caminho para se pensar a médio prazo na aplicação da lei nos espaços de educação, pois o que vemos até os dias de hoje está muito longe do ideal.

Diante de tais constatações, nós, educadoras da UMEI Aarão Reis e UMEI Betinho, atuais alunas da pós graduação do curso História da África e culturas Afro Brasileira decidimos contribuir então para que a lei 10.639/03 seja divulgada, e que se lance outro olhar sobre a população negra em geral.

Estaremos incluindo nossas colegas professoras, pais e crianças nas discussões e atividades pertinentes a essa temática.

COMPARTILHANDO FORMAÇÃO E INFORMAÇÕES

Introdução

Tomar consciência de que o Brasil é um país multirracial e pluriétnico, reconhecer e aceitar que os negros também como outras etnias tem papéis de relevância para a sociedade brasileira é convergir para a educação das relações étnicas raciais.

Conforme expressa o Parecer Conselho Nacional de Educação (CNE) /Conselho Pleno (CP)3/2004, esta educação pode oferecer conhecimentos e segurança para

negros orgulharem-se de sua origem africana, e para os brancos permitir que identifiquem as influencias, as contribuições, a participação e a importância da história e da cultura dos negros no seu jeito de ser, de viver de se relacionarem com as outras pessoas.

É papel de a escola criar instrumentos de uso permanente, via Projeto Político Pedagógico (PPP), Currículo e constituir um ambiente educativo acessível a todos, buscar eliminar preconceitos, estimular a auto-estima e promover a igualdade étnica racial.

Segundo Nilma Lino (2004 p. 105) se concordamos que a escola é um direito social, temos de avaliar seriamente se ela de fato tem sido assim para negros e brancos.

Combater o preconceito racial não é uma questão simplória. É preciso que a nossa história seja contada sem trauma nem rancor. O passado de preconceitos não pode refletir em um futuro de discriminações. Se ainda há o preconceito, a sociedade tem que ser educada. Faz-se necessário a devida conscientização do povo que a própria ciência já nos mostra e derruba a teoria arcaica das raças na espécie humana.

As diferenças étnicas, de crenças, religião e cultura, devem ser respeitadas e aceitas em sua essência desde que essas não transcendem os direitos humanos. A peculiaridade de cada povo deve ser entendida, para que possamos continuar com a riqueza das múltiplas culturas existentes em nosso país.

Com a alteração da lei de diretrizes e bases da educação (LDB), incluindo através da lei 10639/03 a obrigatoriedade em âmbito nacional, a abordagem do conteúdo História da África e Cultura Afro Brasileira faz-se necessário reflexões e discussões pertinentes a essa lei no cotidiano da escola envolvendo (Diretores, coordenadores, professores, funcionários alunos e pais).

Essas reflexões são fundamentais para a construção da identidade negra, superação da visão negativa sobre os africanos e seus descendentes que foi construída ao longo dos tempos no Brasil, para a promoção da igualdade étnico-racial no ambiente escolar.

Porém tudo isso é possível mediante a busca pelos profissionais da educação de um suporte técnico e científico. Para se efetivarem essas ações, consideramos que se faz necessária a inclusão dessa temática nos cursos de graduação (Pedagogia e outros das Ciências Humanas), cursos de formação continuada para professores que estão atuando, mobilizando-os e envolvendo alunos e comunidade para que essa lei não fique somente no papel, mas seja mais um suporte legal, e nos auxilie a lidar com as questões acima citadas.

Justificativa

Em resposta as nossas indagações sobre o conhecimento que as nossas escolas tinham a respeito da trajetória de luta do Movimento Negro, para reconhecimento de sua diversidade e valorização de sua cultura, vimos que não só nossas famílias, mas toda a comunidade escolar detém hoje pouca informação acerca da temática.

Quando se trata da lei 10639/03, o conhecimento é ainda menor, como pudemos observar através das respostas ao nosso questionário investigativo feito no início do ano letivo. Notamos através de conversas informais e resultados da pesquisas aplicadas, que aquilo que estamos buscando como formação para trabalhar com as crianças é também desconhecido pela maioria das nossas colegas de trabalho.

Diante dessas desinformações incluiremos nossas colegas professoras, pais e crianças nas discussões e atividades pertinentes a essa temática estudada. Visando assim uma tomada de consciência capaz de repudiar atos discriminatórios, promovendo atitudes de respeito às diferenças.

Objetivos

- Despertar o interesse dos educadores para as questões que envolvam o continente africano, apresentando a lei 10639/03, propondo metodologias para sua divulgação e implementação no espaço da educação infantil.
- Apresentar informações diversificadas a cerca do mesmo.
- Possibilitar discussões com o grupo de educadoras sobre etnia, raça e o papel da África na História dos brasileiros.
- Socializar o que aprendemos no curso, mantendo o compromisso com a prática pedagógica.
- Propor projetos e atividades que trabalhem a trajetória do negro, sua cultura e tradições trazidas para Brasil.

Desenvolvimento

Uma educação anti-racista não só proporciona o bem estar do ser humano, em geral, como também promove a construção saudável da cidadania e da democracia brasileiras (Eliane Cavalleiro).

Em contato com a direção e coordenação divulgamos a proposta do nosso projeto, buscando possibilidades práticas para sua implementação. Conseguimos um espaço na sala dos professores, além de uma estante aberta onde fizemos a apresentação e divulgação do material que recebíamos no curso (apostilas, livros ou fontes bibliográficas), foi permitido também um levantamento de todo o material que a escola dispunha pertinente à temática em questão. Até então, esse material ficava guardado em armários. Nessa estante iniciamos a fixação de cartazes de cunho “suspense” para despertar a curiosidade, além de descontrair o grupo para o início de nossas atividades

Ex: Cartazes:

“TEM NOVIDADE CHEGANDO...”

“ALGO NOVO ESTÁ PARA ACONTECER!”

“AGORA É LEI.”

Nos outros espaços da escola afixamos também cartazes para instigar a discussão: Cartazes com imagens de cidadãos brancos de sucesso, com frase do tipo:

“O que você observa nessas imagens?”

Vamos trocando esses mini- cartazes sempre, até que conseguimos divulgar a lei 10639/03 e expor sua obrigatoriedade, mesmo para aqueles que ainda não tinham por falta de tempo ou mesmo por pouco interesse folheado o material colocado a disposição.

Na mesma estante colocamos todo acervo que a escola tem sobre o tema. (livros de literatura africana, sugestões de filmes, CDs de músicas com ritmo africano, documentários etc.)

Poemas de poetas angolanos, moçambicanos, tem sido, digitados e expostos, nos corredores e em outros espaços da instituição para serem apreciados por todos que ali circulam (profissionais, pais, responsáveis, prestadores de serviços). Passado alguns dias incluímos nos cartazes imagens de cidadãos negros e outras etnias demonstrando a diversidade da população brasileira.

Vale ressaltar que nesse momento tivemos dificuldades em encontrar imagens de negros, que não fossem no esporte, cenas policiais ou de pobreza. Percebemos o interesse e envolvimento da maioria dos educadores nas nossas ações.

Nesse contexto estão às crianças e suas famílias que de inicio seriam o nosso segundo alvo. E é para esse público igualmente especial que ampliaremos nossas ações.

MINHA FAMÍLIA MINHA HISTÓRIA

Justificativa

Apesar de a escola ser hoje a segunda referência de socialização que a criança tem, não podemos esquecer que é no seio da família que tudo começa.

Kaloustian(1988:65) trata desse assunto enfatizando a família como garantia de sobrevivência e proteção de seus membros e afirmando que: A família é o grupo primeiro que nos possibilita apropriarmos dos valores e conhecimentos de nossa cultura.

Sendo assim como relatamos nesse texto, a família também será convidada a participar das atividades, pois o nosso público são crianças na faixa etária de um a cinco anos e oito meses em média, maioria negros e pardos. Sabemos da dificuldade de se afirmar enquanto negro dentro de um modelo social excludente, está, portanto a nossa responsabilidade de acolher, apresentar e interrogar o mundo junto a essas crianças, abandonando nossos preconceitos nos tornando modelos positivos para elas.

Segundo Vasconcelos e Rossetti-Ferreira (2004, p.123), ao interagir com as crianças- instruindo, apontando e representando-os adultos estão promovendo-lhes, também, o desenvolvimento.

Educar para a paz é conhecer os preconceitos geradores de conflitos, é aprender a conviver com as diferenças, é formar para a autonomia moral e intelectual. Acreditamos que a educação voltada para valores e atitudes propicia ao aluno fortalecer-se como sujeito social e cidadão. É por isso que queremos começar essa discussão com as crianças pequenas, despertando neles a tolerância as diferenças.

De acordo com Candau, (2003, p.24), diferentes costumes, crenças, etnia e todos que compõem a cultura, frequentam, diariamente, as salas de aula.

Objetivos

- Envolver a família nas questões que perpassam o ambiente escolar, para
- Quebrar tabus em relação a gênero e etnia.
- Conscientização das diferenças entre pessoas, mostrando que a diversidade não implica na inferioridade.
- Promover a auto-estima através do auto-conhecimento e liberdade de expressão.
- Trabalhar a noção de cidadania, igualdade de direitos e deveres.

Desenvolvimento:

Iniciamos o projeto com a aquisição de uma boneca negra que foi colocada em exposição dentro das dependências da escola. A sua divulgação foi feita como sendo uma recém integrante da UMEI, porém não havia ainda sido feita a sua certidão de nascimento e escolha do nome.

Entretanto, o que deveria ser um projeto de uma sala de aula tomou proporções maiores, pois toda a escola queria conhecer a boneca e todos passaram a sugerir idéias que aos poucos foram ampliando o plano de ação.

Assim, a escolha do nome da boneca virou um “acontecimento” dentro da UMEI. Alguns professores, percebendo a empolgação das crianças passaram a explorar o assunto, e a temática África foi discutida com entusiasmo na sala dos pequenos.

Cada turma, respeitando o seu desenvolvimento, idade e interesse passaram a conhecer assuntos como: as diferenças, a importância de termos uma identidade, e questões como políticas, direito ao voto e respeito pela escolha do outro puderam ser trabalhadas.

Para facilitar a escolha do nome de nossa boneca, optamos por apresentar o livro “MENINAS NEGRAS”, de Madu Costa, onde temos três meninas negras, cada uma com sua característica própria: Mariana, Luanda e Dandara.

Desta forma, ao apresentar a história à turma, elas tiveram uma escolha a fazer, levando em conta as características físicas das meninas, nome mais bonito e até o perfil psico-social de cada uma. A animação foi grande, passamos a ver grupos de defesa de uma, e contra outra, campanhas para a menina mais sonhadora etc.

Nas dependências da escola, vivemos um verdadeiro momento de eleição, com urna, material de campanha, divulgação através de foldeer, cartazes entre outros, e nesse momento, o projeto tomou proporções também não esperadas.

A notícia de nossa eleição chegou também na casa de nossas crianças, e familiares passam então a indagar e se envolver com o trabalho. Decidimos então estender a escolha do nome da nossa boneca às famílias, que ao receber um documento informativo do projeto tinham a opção de também votarem.

Aproveitando o evento da festa junina a eleição foi feita com a participação dos familiares, que ansiosos aguardaram novas notícias do projeto. Tivemos momentos interessantes, onde crianças e pais discordavam do nome escolhido, crianças fizeram “boca de urna”, pais optavam por nomes diferentes até então não trabalhado, entre outras curiosidades.

O dia marcado para a apuração dos votos foi um acontecimento dentro da UMEI, montamos o ambiente colocando os cartazes com a imagem das três meninas, a urna ficou na parte central e as crianças escolhiam sentar-se próximo da menina que tinha ganhado o seu voto. Tivemos torcidas organizadas e muita animação. Foram convidadas quatro crianças para auxiliar na apuração, três ficando responsáveis pela marcação dos votos no painel e a quarta criança para retirar os votos da urna, que eram apresentados ao grupo presente que vibravam de acordo com os resultados. A disputa foi acirrada, sendo o resultado final o seguinte:

Mariana: 85 votos

Dandara: 90 votos

Luanda: 113 votos

Votos brancos: 03

Votos Nulos: 02

Avaliando o número total de votos entendemos que a participação da família foi significativa, visto que na UMEI temos um total de aproximadamente duzentos e vinte crianças, incluindo berçário, crianças de um e dois anos.

A partir daí iniciamos o segundo momento de nosso projeto: organizamos um caderno que será o diário de nossa menina Luanda, diário esse que visitará a casa de nossas crianças e que recebeu as informações sobre a história de vida de Luanda, assim como a sua certidão de nascimento.

Durante o processo eleitoral a recém-nascida ia visitando as salas de aula e era bem recebida por todos. Ela aguardava ansiosa pela escolha do seu nome, até escutava os cochichos dos eleitores nos corredores.

‘ Vai ser Dandara ela é negra, olhos grandes e espertos’.

‘Não, não vai ser Mariana ela é alegre e sonhadora, gosta da cor que tem’.

‘Ah! Nem uma nem outra, vai ser Luanda, pois é uma menina do tom de chocolate e dança muito bem’.

Por mais de uma semana esses foram os comentários mais ouvidos na instituição. Todo o processo eleitoral foi tranquilo e a nossa recém-nascida recebeu o nome de LUANDA. Agora de posse de sua certidão de nascimento e mais crescidinha ela visitará com muita frequência a casa de seus familiares.

De volta do nosso recesso, deparamos com perguntas sobre que dia a Luanda começaria as visitas. Nesse momento pensou-se também que cada família poderia deixar alguma lembrança para a boneca, e a forma encontrada para essa manifestação poderia ser colocada em pequeno pedaço de tecido que ao final do projeto formaria a colcha de “retalhos de Luanda.”

E assim Luanda começou suas visitas. Já no dia dois de agosto ela foi acolhida pela primeira família levando seu diário e um pedaço do tecido de sua colcha. Agora essa será sua rotina diária.

Luanda continuou sendo o assunto de nossas crianças, e já nas salas dos maiores quatro e cinco anos surgiam outras curiosidades, abrindo caminho para novas possibilidades. Quem é a mãe da Luanda? De onde ela veio?

Assim, cada educadora passou a conversar sobre a autora do livro “As meninas Negras”, sobre o continente “África”, sobre as diferenças de cor, de religião etc, tudo dentro do nível de entendimento de cada turma.

Nesse momento veio então a ideia de convidarmos a autora do livro, Madu Costa para uma visita a nossa escola, já que descobrimos que ela é professora da rede municipal de Belo Horizonte e tem grande interesse pela temática racial.

Sua visita foi programada para o dia 26 de Agosto, ficando então todas as educadoras responsáveis pela divulgação junto as suas turmas.

O dia marcado para o encontro com a autora Madu Costa foi aguardado com muita expectativa, todos queriam conhecê-la e também apresentar tudo que nossa escola já sabia sobre a história dos negros no Brasil.

A equipe da escola foi brilhante na preparação do espaço. Tudo foi enfeitado com cartazes das bonecas, exposição da bibliografia específica sobre o tema racial que a escola possui, mesas com toalhas de estampas africanas, além é claro de nossa mascote “LUANDA” que aguardou impaciente junto ao seu diário e partes de sua colcha que já vem sendo tecida pelas nossas crianças e familiares.

Madu foi recebida por nossas crianças com muita alegria e câoro bem afinado: “Madu, Madu, Madu, Madu..”

A manhã foi bem animada, ouvimos histórias sobre nossa descendência africana, sobre diferenças raciais, além de músicas na língua “iorubá”.

Nossa autora também ficou feliz com o que viu, ou seja, nossas crianças, ainda tão pequenas, já estão familiarizadas com questões tão sérias sobre nossa

história. Só iremos valorizar nossas raízes, respeitando as diversidades que ela nos traz se aprendermos desde cedo a valorizá-las.

A visita da boneca Luanda na casa das crianças fortaleceu o laço de amizade entre as famílias e a escola, proporcionando uma parceria entre o grupo de moradores e a instituição.

A avó de um aluno procurou o grupo de educadoras e solicitou a sua participação na Feira Literária com o objetivo de promover uma oficina de confecção de bonecas negras de pano, que será oferecida aos visitantes. E assim, contribuir na divulgação das questões étnicas raciais que permeiam o espaço escolar.

Nesse momento tivemos oportunidade de conhecer o trabalho comunitário de um grupo de voluntárias que em parceria com a Associação de Moradores do bairro Guarani vem lutando entre outras causas, pela preservação do Parque Ecológico Nossa Senhora da Piedade. O trabalho com oficinas de artesanato é uma atividade conhecida do grupo, portanto, a idéia de confecção da boneca de pano nos chamou a atenção. Quanto mais adesões e visibilidade para a temática abordada melhor resultados alcançaremos.

A feira Literária é promovida anualmente pelas escolas: UMEI Aarão Reis e Escola Municipal Hélio Pellegrino, e este ano acontecerá no dia 23 de Outubro, onde aproveitaremos para apresentação do atual projeto de intervenção.

Finalizamos o projeto, com todas as famílias envolvidas sendo convidadas a participar de um dia especial nas dependências da escola. Neste dia marcado como dia da Consciência Negra, 20 de Novembro, organizamos uma confraternização, formação e avaliação de todo trabalho. A escola foi ornamentada lembrando nossas raízes africanas, onde atividades de oficinas (confecção de bonecas), danças circular, apresentação de textos e poemas de autores africanos, além de um delicioso lanche servido a todos os convidados.

3 - CONCLUSÃO

Durante o projeto, identificou-se a importância de divulgação da lei com objetivo de contribuir para a qualidade das práticas educativas de modo a abranger todos os alunos, no fortalecimento da sua identidade, da ética, do respeito e sensibilidade em aceitar a diversidade.

Conforme já foi mencionado muitas vezes, as questões étnico-raciais não são trabalhadas pontualmente, pois a grande maioria dos educadores desconhece o texto da lei, e o material didático utilizado traz muito das ideias eurocêntricas, que antes de serem passadas para os estudantes necessitam de uma revisão crítica do educador.

A sociedade permitiu a perpetuação dos preconceitos raciais, principalmente quanto aos afrodescendentes. Até pouco tempo todos ouviam com naturalidade frases depreciativas sobre, ou para os negros. Entendemos que é urgente e pertinente a necessidade de rever conceitos, práticas educativas, materiais didáticos, modificar atitudes, o que é sem dúvida um grande desafio posto para a sociedade que culturalmente vê o negro como inferior.

A lei 10639/03 é um dispositivo legal que reafirma a valorização do negro e a contribuição que os africanos deram para a cultura brasileira.

No entanto, apenas a lei não é suficiente para garantir que as escolas coloquem na Proposta Política Pedagógica essa temática. É necessária a sua divulgação para que possam ser legitimadas as ações para que os estudantes negros se sintam parte do processo educativo.

No que tange a obrigatoriedade da lei pode-se concluir que a existência da mesma expressa conquistas oriundas das extensas lutas do movimento Negro pelo reconhecimento e igualdade de direitos.

O profissional da educação terá sua prática enriquecida ao adotar ações ou

práticas de reconhecimento que existe o preconceito racial, trabalhar a atitudes de desconstrução do mesmo, entendendo que a escola é um espaço de todos.

O desenvolvimento dessas reflexões permitiu aos educadores a desenvolverem a capacidade crítica indispensável as suas atuações enquanto profissionais formadores de opinião.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi relevante para minha vida profissional e pessoal conhecer de perto a história das pessoas trazidas da África para o Brasil como objetos de nenhum valor aos serviços prestados aos grandes Senhores que nem mesmo respeito tinha por eles e que enquanto conhecimento cultural durante anos também foi transmitido de forma errônea deixando claro que eram seres passivos, desobedientes, assim mereciam castigos, de pouco conhecimentos intelectual, que tanto deixou a desejar na história contada para mim na infância e ainda hoje continua sendo repassada conforme interesses políticos.

Descobri, ainda que tarde, que os escravos não eram seres passivos, são seres Humanos fortes para além dos grilhões. Hoje temos as ações afirmativas com um trabalho que da mesma forma como antes os escravos se organizavam em quilombos. Hoje estes se organizam em vários espaços dentre eles o da educação para contar e fazer com que uma história mais fundamentada num pensamento fronteirístico possa ser contada a maior número de educando e educadores.

Este curso que me fez ver como eram as pessoas trazida a força para o Brasil, que lutavam e se organizavam, que seus conhecimentos enriqueceram nosso país economicamente e culturalmente, e que do Continente africano de onde foram arrancados eram Reis, possuíam costumes, tinham suas crenças religiosas, conhecimentos de vários trabalhos manuais. Porém a história deste povo sempre que é apresentada fazem questão de enfatizar pobreza, miséria, epidemias no continente africano desvalorizando-o em relação a outros países e isso existe em qualquer lugar do mundo.

Hoje tenho outro olhar para estes seres humanos que tanto contribuiu para nossa cultura com seus saberes. Dominadores que faziam o tráfico pensavam poder ficar tudo isso na África, conhecimentos, sonhos, laços afetivos, mais precisamente nas voltas que davam ao redor da “árvore do esquecimento”

antes de serem jogados nos navios deixando para trás seus familiares, mas no coração, na alma, nas lutas trouxeram muitos valores.

Ao mesmo tempo o país enriqueceu a custa dessa mais valia e saberes como lapidação, a enxada, o arado e as técnicas de irrigação que veio para o Brasil com os negros. Diante a tanto sofrimento causado aos negros hoje alargando as fronteiras do meu preconceito e descobrindo formas de suavizá-los junto as crianças da Umei Aarão Reis, sinto responsabilidade de evitar que continue sofrendo conseqüências de um passado inconseqüente.

Dessa forma desenvolvi um trabalho com as questões étnico-raciais onde meu envolvimento tamanho com essa temática despertou junto as crianças e seus pais um reconhecimento de como é bom ser negro e o depoimento de um pai e a demonstração dos alunos ao final do trabalho se identificarem como negros ou brancos me deixou realmente emocionada diante a tanta alegria por ver este assunto abordado com uma visão menos eurocêntrica.

- “Professora Cida fico muito feliz de participar junto com a escola deste maravilhoso trabalho que você está desenvolvendo com nossos filhos, pois na época em que estudava era muito triste sentir na escola o branco com superior e hoje estar aqui com minha filha e vendo o orgulho que sente de ser negra isso é o melhor sentimento que um pai pode ter”.

4 - REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura infantil: gostosuras e bobices/ pensamento e ação no magistério. Fanny Abramovich – São Paulo. Scipione, 1997.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa/Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996 (coleção leitura)

CANAU, Vera M. Somos tod@s iguais? Escola Discriminação e educação em direitos humanos. DP&A, Rio de Janeiro, 2003.

KALOUSTIAN, Silvio M. (org.) Família Brasileira, a Base de Tudo. São Paulo: Cortez; 4ª edição. São Paulo, 2000.

FANFANI, Emilio Tenti. La Escuela y La Cuestión Social: Ensaio de Sociologia de La Educación. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 1ª edição, 2007.

GOMES, Nilma Lino. A questão racial na escola: desafios colocados pela implementação da Lei 10.639/03. In: *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas*. MOREIRA & CANAU (ORGS.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

5 - ANEXOS

A chegada de um bebê

Um raio de luz muito forte avisou que iria nascer uma menina na UMEI AARÃO REIS. E, não é que isso aconteceu mesmo?

No dia 11 de junho de 2010 às sete horas nasceu uma linda menina negra de olhos claros. Ela trouxe muita alegria e vários momentos de pura euforia. Todos começaram a imaginar possíveis nomes para a menina.

Que nome escolher? Qual combina com seu perfil? Para tornar mais democrático a escolha do nome, decidiu-se então promover uma eleição, já que os responsáveis por ela são todas as pessoas envolvidas no cotidiano da instituição (UMEI).

Pegamos um livro muito conhecido das crianças “As meninas negras”/ Madu Costa e lendo o enredo contado nesse livro conseguimos três nomes de origem africana: Mariana, Dandara, Luanda.

REGISTRO CIVIL



ESTADO: Minas Gerais

COMARCA: Belo Horizonte.

CERTIDÃO DE NASCIMENTO

Certifico que, a folha 01 do livro 01 foi lavrado o nascimento de **LUANDA**, do sexo feminino nascida no dia 11(onze) de junho de 2010 (dois mil e dez) as 7:00 horas, em Belo Horizonte/ Minas Gerais. Filha de todos os funcionários e alunos da INSTITUIÇÃO UMEI AARÃO REIS atuantes no ano de 2010.

O assento foi lavrado no dia 15 de julho de 2010, tendo sido declarante as educadoras envolvidas diretamente no projeto de adoção da menina. Serviram de testemunhas todos os pais dos alunos que gentilmente aceitou o convite para votar na escolha do nome da mesma.

O referido é verdade e dou fé, UMEI AARÃO REIS.